

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

YAMILIA DE PAULA SIQUEIRA

**Os alunos surdos no contexto educacional: Uma etnografia na escola sobre
a corporificação da língua de sinais**

VITÓRIA / ES
2017

YAMILIA DE PAULA SIQUEIRA

Os alunos surdos no contexto educacional: Uma etnografia na escola sobre a corporificação da língua de sinais

Monografia apresentada como requisito para conclusão de curso de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Professora orientadora: Dra. Eliana Santos Junqueira Creado.

VITÓRIA / ES
2017

YAMILIA DE PAULA SIQUEIRA

Os alunos surdos no contexto educacional: Uma etnografia na escola sobre a corporificação da língua de sinais

Monografia apresentada como requisito para conclusão de curso de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Professora orientadora: Dra. Eliana Santos Junqueira Creado.

Dra. Eliana Santos Junqueira Creado (Orientadora)

Dra. Patrícia Pereira Pavesi

Vitória, 08 de julho de 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido o dom da vida, a força e a coragem para alcançar as minhas vitórias em meio a tantas dificuldades.

Agradeço a minha família, a base fundamental da minha vida, a minha mãe Marlene e ao meu pai Antônio, a meu irmão Marcos e a minha irmã Ludmila que sempre me apoiaram em meio a tantas dificuldades. A meu namorado Ivan, um agradecimento especial por ter me incentivado a aprender a Língua de Sinais.

Agradeço pela orientação e por todo apoio da professora Eliana Creado, que não mediu esforços para me auxiliar com a desafiadora temática da Libras e do universo dos surdos.

Agradeço também aos profissionais da educação, com os quais tive a oportunidade de trabalhar no ano de 2016, principalmente, os intérpretes de LIBRAS que me deram suporte para aprender e entender melhor sobre a cultura da Língua de Sinais. Aos alunos surdos, que sempre me incentivaram a aprender e se comunicavam comigo mesmo com as minhas dificuldades, muito obrigada.

RESUMO

A escola é um espaço de múltiplas personalidades e diferenças, dentre elas a cultura dos surdos, que estão presentes e legitimando cada vez mais o seu espaço na sociedade. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), apenas no ano de 2002 foi reconhecida como meio de comunicação legítima das comunidades surdas do Brasil. Neste contexto, os surdos passaram por um longo processo de invisibilidade social, em que não tinham o direito de assumir sua identidade e sua cultura de forma legítima, sem repreensão ou preconceitos. O foco desta pesquisa é, além de reconhecer a cultura e a identidade surda no espaço escolar, relatar a importância da língua de sinais para a sociabilidade que se expressa por meio do corpo e a performance para a comunicação por meio dos sinais que estão presentes neste contexto, tendo como principal suporte metodológico o Diário de Campo, trazendo uma série de percepções e inquietações da vivência em campo durante um ano em uma escola da rede estadual de ensino do município de Vila Velha, acompanhando e observando cinco adolescentes e três intérpretes tradutores da Língua de Sinais.

Palavras-Chave: Língua de Sinais. Escola. Cultura. Identidade. Performance. Corpo.

ABSTRACT

The school is a space of multiple personalities and differences, among them the culture of the deaf, who are present and increasingly legitimizing their space in society. The –Brazilian Sign Language (BSL), only in 2002 was recognized with a legitimate the communication of the Brazilian Deaf communities. In this context, the deaf went through a long process of social invisibility, in which they had no right to assume their identity and their culture legitimately without reprimand or prejudice. The focus of this research is not only to recognize the culture and the deaf identity in the school space, but also the importance of sign language for sociability expressed through the body performance for the communication through sign languages are present in this context, having as main methodological support the *Field Notes*, bringing perceptions and restlessness about the experience in the field during a year in a school of the state school system of the municipality of Vila Velha, following and observing five adolescents and three interpreters of sign language translators.

Keywords: Sign language. School. Culture. Identity. Performance. Body.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.2 A VIVÊNCIA EM CAMPO	9
1.3 APRESENTAÇÃO DO TEXTO MONOGRÁFICO.....	11
2. CAPÍTULO 1 - REPETIÇÃO E INVENÇÃO NAS RELAÇÕES DE ENSINO- APRENDIZAGEM USANDO LIBRAS	12
3. CAPÍTULO 2 – AS VIVÊNCIAS DO ALUNO SURDO NA ESCOLA.....	19
3.1 INSERÇÃO EM CAMPO: OUVIR COM OS OLHOS E FALAR COM AS MÃOS... ..	19
3.2 O PROJETO INCLUIR LIBRAS E OUTROS EVENTOS.....	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	4849
5. REFERÊNCIAS	54
ANEXOS.....	56

1. INTRODUÇÃO

O espaço escolar é um ambiente favorável para investigação e pesquisa, a atividade docente, neste contexto implica inúmeros fatores que nos remetem à prática corporal. Dessa forma, as corporalidades dos alunos surdos, intérpretes e comunidade ouvinte que se relacionam na escola envolvem performances com diferentes perspectivas de mundo, em que o mundo dos surdos escuta por meio da visão e fala por meios dos sinais, além de envolver uma cultura e identidade própria da comunidade surda.

Com o acompanhamento diário é possível observar e diferenciar a forma com que as técnicas corporais são desempenhadas pelos profissionais intérpretes e pelos alunos surdos. É possível observar que “toda técnica propriamente dita tem sua forma” (MAUSS, 2003, p. 403). Com isso, os sinais realizados dão sentido às palavras. Marcel Mauss¹, no livro *Sociologia e Antropologia*, publicado em 1950 retrata de forma nítida a questão das técnicas e dos hábitos próprios de cada sociedade. Também podemos comparar a língua de sinais com o ato de encenar, pois falar por meio da língua de sinais envolve todo o corpo, requer expressão corporal, fácil, movimento e demais parâmetros² que juntos formam a prática da comunicação em Libras, em que podemos considerar que as pessoas que falam em Libras são verdadeiros atores.

Em relação à língua de sinais podemos identificar a diferença apresentada em cada sociedade, no caso dos sinais é possível notar a variação e as diferenças dentro do próprio país. Diferentemente dos sinais que possuem um significado específico no sistema da língua de sinais, os gestos improvisados são utilizados, principalmente, pelas pessoas ouvintes que não conhecem os sinais dentro de seu contexto específico de sentido atribuído. Dessa forma, são criados gestos pelos próprios ouvintes para manter o mínimo de comunicação com os surdos, dentro de determinada situação, por exemplo, pais ouvintes com filho (a) surdo (a).

Sobre a técnica, é importante reconhecer naturezas individuais, dado que códigos são (re)criados, e a todo momento é preciso estar ciente do que ocorre de novo. No caso da transmissão da linguagem oralizada, ela passa por um processo de ressignificação das palavras. É possível observar as técnicas e habilidades desenvolvidas, as quais relacionam o ser humano como “centro de percepções e agência em um campo de prática” (INGOLD, 2010, p. 7). Os

¹ Marcel Mauss nasceu em 1872 na França e faleceu em Paris 1950, foi um sociólogo e antropólogo francês, considerado o Pai da Antropologia Francesa.

² São 5 parâmetros que formam a prática de falar em Libras, sendo eles: O primeiro é a configuração de mãos; a segunda é ponto de articulação; a terceira é a orientação; a quarta é o movimento e a quinta é a expressão (Relato do INTÉRPRETE LUCAS, 02 de dezembro de 2016).

alunos surdos juntamente com os intérpretes criam a todo o momento sinais para explicar com mais clareza alguns conteúdos e termos mais específicos.

A cultura da comunidade surda também está presente em um contexto de investigação; o pertencimento a uma cultura diferente remete a uma identidade expressa na linguagem de sinais. O corpo transmite os sinais com o simbolismo próprio da cultura surda, é o corpo também responsável por garantir a comunicação, de modo que uma reinvenção da cultura de um grupo específico se faz presente em nossa sociedade. O autor Roy Wagner (2010) retrata como o simbolismo está presente como forma de diferenciar as culturas. Dessa forma, o simbolismo da língua de sinais preserva o que é próprio da comunidade surda.

Para entender a cultura da comunidade surda, é importante buscarmos um pouco da história acerca da educação dos surdos, pois por muitos anos eles foram excluídos do convívio social ou obrigados a se comunicar como ouvintes, por meio da oralização. Na Idade Média os surdos não eram considerados pessoas educáveis, eram considerados imbecis, a surdez era um castigo divino, já no início do século XVI passou-se a admitir que os surdos poderiam aprender, por meio de procedimentos pedagógicos. Porém, eles tinham que desenvolver o oralismo, poucos conseguiram ter contato com o gestualismo (LACERDA, 1998).

No século XVIII, grupos que defendiam o oralismo e o gestualismo se separaram e um nome importante surgiu para defender a prática do gestualismo, “o abade Charles M. de L’Epée foi o primeiro a estudar uma língua de sinais usada por surdos, com atenção para suas características linguísticas” (LACERDA, 1998, s/p). Porém, mais adiante no primeiro e segundo Congresso de Milão o oralismo foi assumido como a principal comunicação para os surdos, e mais uma vez a prática do gestualismo foi deixada de lado. Apenas em 1960 que os estudos acerca da língua de sinais retornaram, e os estudos do abade De L’Epée começaram a ser levados em consideração pelo pesquisador Stokoe. E, a linguagem de sinais passou a ser considerada a mais adaptada à pessoa surda (LACERDA, 1998).

Já no Brasil, a língua de sinais também passou por um longo período de avanços e retrocessos, e, apenas em 2002, “foi promulgada uma lei que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação objetiva e de utilização das comunidades surdas no Brasil” (ALMEIDA, 2013, p.29).

Segundo a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, entende-se como Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Tendo em vista, o breve histórico da língua de sinais apresentado, o interesse pelo estudo surgiu com o objetivo de compreender o universo dos alunos surdos e dos intérpretes na sala de aula e no cotidiano escolar, além de analisar as práticas corporais utilizadas para se comunicar por meio da língua de sinais. É válido ressaltar a relação dos alunos surdos com os alunos ouvintes, e o interesse de muitos em se comunicar por meio da língua de sinais.

1.2 A VIVÊNCIA EM CAMPO

A escolha do tema “A corporificação da língua de sinais no espaço escolar: A cultura e a identidade da comunidade surda e o simbolismo dos sinais entre os alunos do ensino médio de uma escola no ano letivo de 2016” teve base em experiência e observação participante dos alunos surdos e dos intérpretes de Libras, durante um ano em uma Escola Pública Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Vila Velha. O estudo tenta retratar um pouco da vivência com os alunos surdos distribuídos entre a 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio do turno matutino nas aulas de Sociologia, na rotina escolar e na participação deles no Projeto intitulado *Incluir Libras*, realizado pelo intérprete da turma da terceira série.

A partir da inserção no espaço escolar por meio do estágio de docência, houve a convivência com os alunos surdos e com os intérpretes que os acompanhavam nessa escola, cujo nome permanecerá oculto, de modo a preservar as identidades de meus interlocutores de campo, da mesma forma que as de meus interlocutores de campo. Assim pretendeu-se investigar as seguintes questões: como a identidade e a cultura da linguagem de sinais esteve presente na comunidade escolar? E como a performance e o simbolismo das Libras residiram nesse espaço de múltiplas personalidades? Para responder a essas questões tive como base o método da observação participante, articulada com coleta de dados qualitativos através de entrevistas semiestruturadas para entrevistar os alunos e intérpretes da comunidade escolar, além de levantamento bibliográfico por meio de coletâneas, artigos e teses defendidas acerca da temática proposta, oferecendo maior possibilidade de compreensão e estudo.

Em relação à abordagem etnográfica, é importante ressaltar a descrição realizada por Malinowski em que ele deixa claro que a primeira meta do trabalho de campo etnográfico “é fornecer um esquema claro e firme da constituição social, bem como destacar as leis e normas de todos os fenômenos culturais, libertando-os dos aspectos irrelevantes”. (MALINOWSKI, 1973, p. 24). Dessa forma, é que se pretendeu analisar a cultura dos surdos, assim como identificar a identidade desses alunos na escola.

Acompanhar a dinâmica escolar e a dinâmica da sala de aula forneceu a possibilidade de investigar diversos aspectos das condições dos alunos surdos. Assim como os alunos ditos “normais”, eles deviam cumprir códigos e regras, como por exemplo, aprender a língua portuguesa, que não é a língua dos surdos.

Com a etnografia realizada na escola, foi possível reunir uma série de percepções, relatos e situações significativas, através do diário de campo, onde “a prática etnográfica [se deu] no contexto de estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogia, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 2008, p.11), visando contextualizar os universos de sentido ali presentes. Em relação aos alunos surdos e intérpretes, a observação precisou ser feita com muito rigor, pois o universo em que estão inseridos requer, além da aproximação e do diálogo, uma série de cuidados para que, principalmente, o aluno surdo se abrisse para a pesquisadora.

Fui um pouco além do que eu esperava no meu engajamento com a questão, pois fazia estágio apoiando as aulas de Sociologia, mas acabei também participando de outros momentos de vivência na escola envolvendo o uso e o ensino de Libras. A língua de sinais começou a fazer parte da minha vivência na escola e do meu cotidiano, pois o interesse pelo estudo da temática veio acompanhado do interesse em aprender a se comunicar em Libras para conversar com os alunos surdos. Dessa forma, vi-me envolvida pela temática, e, nesse sentido, destaco a antropóloga Fravet-Saada que relata em seu texto etnográfico o quanto o envolvimento com o campo esteve presente em sua pesquisa. Em um trecho do texto, ela relata o quanto o envolvimento com o campo a afetou:

Eu mesma não sabia bem se ainda era etnógrafa. Certamente, nunca acreditei ser uma proposição verdadeira que um feiticeiro pudesse me prejudicar fazendo feitiços ou pronunciando encantamentos, mas duvido que os próprios camponeses tenham algum dia acreditado nisso dessa maneira. Na verdade, eles exigiam de mim que eu experimentasse pessoalmente por minha própria conta – não por aquela da ciência – os efeitos reais dessa rede particular de comunicação humana em que consiste a feitiçaria. Dito de outra forma: eles queriam que aceitasse entrar nisso como parceira e que aí investisse os problemas de minha existência de então. No começo, não parei de oscilar entre esses dois obstáculos: se eu “participasse”, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse “observar”, quer dizer, manter-me à distância, não acharia nada para “observar”. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado. (FRAVET-SAADA, p. 157, 2005).

Diferentemente de Fravet-Saada, não cheguei a ver minha pesquisa como arruinada, pois o meu envolvimento com o campo era necessário, uma vez que além de pesquisadora o

meu envolvimento com a escola também era o de estagiária, porém, confesso que a função de etnógrafa e estagiária se misturavam, e a dúvida sobre qual era ou qual deveria ser a minha função enquanto pesquisadora emergia a todo momento. E, da mesma forma que os camponeses exigiam que a pesquisadora participasse dos rituais, os intérpretes da escola também me incluíam para participar dos eventos que envolvessem a Libras na escola.

O engajamento diário foi inevitável, e para dar base a percepções e relatos corriqueiros na escola e na participação do projeto Incluir Libras, carregava sempre o diário de campo para anotar o que eu podia. Destarte, tive o meu diário como base para a confecção da maior parte deste texto monográfico, de modo que os relatos e os dados coletados em campo foram cruciais para a pesquisa. O recurso às entrevistas foi posterior, e veio de modo a complementar minha experiência no sentido de me permitir conhecer um pouco mais das histórias de vida dos meus principais interlocutores da escola.

1.3 APRESENTAÇÃO DO TEXTO MONOGRÁFICO

Os capítulos a seguir irão abordar mais a fundo o contexto escolar em que a Libras está presente, tendo como base a performance e as interações dos atores envolvidos, sendo eles os intérpretes e os alunos surdos, assim como parte da comunidade escolar mais ampla. A dimensão cultural dos surdos também será relevante para tratar da vivência cotidiana por meio da comunicação da língua de sinais. Outra questão levantada é a dificuldade de aprendizado, uma vez que o surdo vive e aprende em um mundo ouvinte, e muitas são as limitações para aprender conteúdos de algumas disciplinas que requerem maior abstração.

Ainda no primeiro capítulo, serão apresentadas as dificuldades dos intérpretes tradutores da língua de sinais e como eles interpretam os conteúdos na sala de aula, principalmente, os conteúdos que não estão presentes no cotidiano do aluno surdo. Os sentidos, principalmente a audição, serão retratados de modo a dar sentido à comunicação.

O segundo capítulo terá como base o diário de campo, principal instrumento de coleta de dados da pesquisa, de modo a expor e a analisar a vivência no cotidiano da escola, em que os alunos surdos estão envolvidos neste espaço de aprendizado. Assim, essa vivência envolve todos os funcionários da escola, assim como os familiares dos alunos surdos e o projeto desenvolvido por um dos intérpretes, e que teve como objetivo a inclusão dos surdos com os ouvintes.

2. CAPÍTULO 1 - REPETIÇÃO E INVENÇÃO NAS RELAÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM USANDO LIBRAS

Acerca da performance, inúmeras são as práticas corporais realizadas para se comunicar em Libras, tais práticas podemos comparar com o ato de encenar. Durante observações cotidianas na escola, pude perceber que os intérpretes e os surdos atuavam o tempo todo, como se a comunicação entre eles fosse uma peça de teatro. Mesmo sem entender muito os assuntos que eles conversavam era possível perceber que o corpo todo era envolvido, mãos, expressões, braços e em alguns casos até mesmo as pernas.

A comparação ao ato de encenar está presente em Goffman (2002), que, ao assumir um papel de investigador das ações humanas interativas como a atuação em uma peça de teatro, viu os indivíduos exercerem os mais diversos papéis sociais, adquirindo um determinado papel para cada momento. A língua de sinais assume um caráter expressivo único presente na cultura surda, em que podemos sugerir que “as representações diferem, evidentemente, no grau de cuidado expressivo dos detalhes que exigem. No caso de algumas culturas estranhas a nós, estamos dispostos a ver um alto grau de coerência expressiva [...]” (GOFFMAN, 2002, p.55). Os surdos apresentam coerência em suas expressões, afinal as expressões fazem parte de sua comunicação. Seria inviável uma pessoa ouvinte conversar com um surdo em Libras sem utilizar expressões para descrever suas emoções ou algo que esteja no contexto da conversa.

Alguns surdos, tentam disfarçar a surdez, principalmente os que já foram ouvintes, como é o caso da aluna Brenda, da terceira série, ela disse que preferia ouvir, ela relatou que não gosta de ser surda: “é muito difícil, a vontade é de ouvir, se pudesse escolher não seria surda, mas agora acabei aceitando. Cheguei a usar um aparelho e escutar um pouquinho, mas parei, mas agora vou voltar a usar de novo” (02 de dezembro de 2016). Como ela perdeu a audição entre oito e nove anos, as expressões se tornaram mais difíceis de serem internalizadas, e ela optou pelo uso do aparelho para tentar voltar à “normalidade”, nesse contexto podemos observar o estigma que o surdo enfrenta. Segundo Mendes et al. (2014, p. 1601):

A pessoa com deficiência tem carregado consigo o estigma de uma avaliação negativa pelo fato da diferença. E, nestes termos, considera-se o deficiente como um sujeito fora do parâmetro de normalidade como deliberadamente inferior ou incompleto, a despeito de suas capacidades criativas e expressivas.

O ato de criar e utilizar os sinais e expressões, para muitos surdos é comum, em que podemos novamente comparar com o ato de encenar, pois a todo momento os atores criam expressões e modos de conduta para a comunicação e para o corpo na peça teatral. Porém, no

caso do surdo que sofre o estigma da pessoa deficiente, utilizar as expressões e buscar meios de se comunicar com os ouvintes é algo que se torna cansativo e em muitos casos sem êxito.

Os intérpretes da escola em que estagiei relatavam o quanto é importante a coerência nas no uso das expressões, expressões essas chamadas de parâmetros, porém, em muitos casos os colegas de sala dos alunos surdos não levavam a sério as expressões utilizadas pelos surdos, em alguns casos faziam caretas, riam, o que gerava desconforto entre surdos.

Em relação aos cinco parâmetros citados anteriormente, as expressões representam o que em muitos casos dá sentido ao que se esteja falando. Segundo o intérprete Lucas:

A expressão, ela já está na Libras, é uma parte que já está dentro da Libras, por exemplo, eu não posso fazer alegre com uma cara de triste “há hoje estou alegre” (fez expressão de triste). Aí o surdo vai falar “alegre?! É sério?!” Ou eu posso falar “hoje estou triste e sorrir” aí o surdo vai falar é sinal de triste, mas está sorrindo.

Então não vai combinar. Existe também os sinais que eles têm movimento, se é parado é uma coisa se tem movimento é outro, por exemplo, pentear, pente é o mesmo sinal, porém só muda o movimento. (02 de dezembro de 2016).

Dessa forma, ao compararmos a comunicação em Libras com o ato de encenar, devemos nos atentar ao conjunto coerente presente nessa comunicação, uma coisa não pode desassociar da outra.

Na turma do primeiro ano era onde os alunos mais se comunicavam em Libras com a Maria, aluna surda da sala sem nenhum constrangimento, interagem com sinais, configuração de mãos, ponto de articulação e movimentos que correspondem aos parâmetros principais da Libras. “A configuração de mãos é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal [...] O ponto de articulação é o lugar do corpo onde será realizado o sinal [...] E o movimento é o deslocamento da mão no espaço, durante a realização do sinal [...]” (FERNANDES; STROBEL, p.8 -10, 1998)³.

Além disso, há os componentes não manuais que são a expressão facial ou o movimento do corpo. Dessa forma “A expressão facial e corporal podem traduzir alegria, tristeza, raiva, amor, encantamento, etc., dando mais sentido à LIBRAS e, em alguns casos, determinando o significado de um sinal” (FERNANDES; STROBEL, p.14, 1998).

Diante da cultura surda expressivamente presente na comunicação em Libras, podemos pensar na identidade que eles apresentam e que se faz presente em toda a performance, ou no

³ FERNANDES, Sueli de Fátima & STROBEL, Karin Lilian. **Aspectos lingüísticos da LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

ato de encenar. Goffman (2002) apresenta a relação do estigma com a identidade da pessoa, o que faz pensar também no estigma que os surdos sofreram durante muitos anos da história.

Durante muito tempo, os surdos sofreram com o fato de serem tratados como “surdos-mudos” e com formas violentas para que eles fossem oralizados, afinal, eles não poderiam realizar nenhum tipo de sinal para se comunicar. Na Idade Média, a surdez era ligada ao pecado, ao castigo e à punição; ao longo dos anos, poucas escolas começaram a desenvolver a gesticulação e a oralização (LACERDA, 2016, s/p). A gesticulação não foi aceita, a princípio, e os surdos eram obrigados a aprender a oralização. No Brasil, técnicas para ensinar a oralização eram utilizadas de forma a amedrontar o surdo, ou até mesmo para punir, amarravam as mãos dos surdos para que eles não usassem os sinais para se comunicarem. Porém, no período “de 1970 a 1992, os surdos se fortaleceram e reivindicaram os seus direitos. Desde aquela época, as escolas tradicionais existentes no método oral de filosofia e, até hoje, boa parte delas vem adotando o modelo inclusivo em que a língua de sinais se constitui [como] elemento primordial para o atendimento educacional dos alunos surdos” (ALMEIDA, 2013, p.29).

Porém, ainda hoje alguns familiares de surdos não aceitam a surdez de uma criança, buscam ou utilizam apenas a oralização, e, em segundo plano, fica a língua de sinais, o que pode dificultar o aprendizado posterior da Libras. Portanto, o estigma ligado à linguagem não oral ainda está presente na identidade de muitas pessoas surdas, assim como o fato de se relacionar a surdez à fala. Em vários momentos da minha experiência de campo, foi possível ouvir professores e alunos chamarem os surdos de “surdos-mudos”. Nesse sentido, as pessoas ditas “normais” acabam transmitindo e repassando o estigma que os demais sofrem, colocando um estereótipo que já deveria ter sido eliminado.

Considerando-se a dimensão cultural e a antropologia do corpo, relacionando-as às performances, é que se pretende construir uma reflexão sobre a dimensão da surdez acompanhada da utilização de Libras na escola. Segundo relatos da palestrante Edilene, em atividade na escola no dia 03 de novembro de 2016, a Libras é uma língua que podemos considerar nova, por estar inserida oficialmente nas escolas por meio da Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dessa forma, as relações estabelecidas entre intérpretes de Libras e surdos são recentes, pois, antes da Lei, os alunos surdos estavam presentes na escola apenas para serem socializados, mas a socialização não ocorria de fato, pois nem todos eram oralizados, a compreensão e a comunicação eram escassas.

Sobre o termo cultura surda, em vários momentos de minha vivência, pude notar que os intérpretes utilizam muito essa expressão, segundo eles se refere ao modo de vida dos surdos. Porém para alguns estudiosos a “cultura surda pode ser considerada como um termo aplicado

ao movimento social que assegura a surdez como uma experiência humana diferenciada a partir de uma concepção de estudos culturais” (GEDIEL, 2010, p.132), a autora buscou embasamento teórico em autores surdos que se dedicaram a analisar de fato o que seria a cultura surda. Em definição segundo Padden & Humphries (2005, p. 1 *apud* Geidel, 2010, p. 133):

[...] nós usamos a definição de cultura focada nas crenças e práticas, particularmente na regra central da língua no cotidiano da comunidade. Esta característica distinguiu as pessoas Surdas das pessoas ouvintes e das outras pessoas surdas e pessoas com dificuldade de audição que não usam Língua de Sinais, mas seguem diferentes adaptações comunicativas⁴.

Dessa forma, é válido considerar que inúmeras identidades e culturas compõem o espaço escolar, assim como a identidade e a cultura da comunidade surda que também estão presentes neste espaço, porém, como poucas pessoas conhecem e utilizam a língua de sinais para falar com os surdos, não ocorre a legitimação da cultura surda em diversos espaços. Na maior parte do tempo em que os alunos passavam na escola, observei que eles estavam quase sempre nos mesmos grupos. Eram poucos alunos ouvintes que se aproximavam, às vezes eram sempre os mesmos.

Além de apontar as questões sobre identidade e cultura, a transmissão do saber também é possível neste contexto ao pensarmos na relação entre intérpretes e surdos, uma vez que a prática dos intérpretes não ocorre apenas para interpretar as palavras, mas também com o papel importante de ensinar o conteúdo, recriando-o. Para lidar com essa questão do aprendizado, o autor Tim Ingold relata que “o processo de aprendizagem é transmitido mais corretamente pela noção de *mostrar*. Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo”. (INGOLD, 2010, p.21).

A noção de mostrar para os surdos está mais evidente na visão, é nela que podem ver e ouvir o mundo, porém, a cultura demora a ser adquirida, pois muitas crianças e adultos surdos não têm contato com Libras nas idades iniciais, as famílias não têm contato com a língua de sinais e o processo de aprendizagem se torna mais difícil e demorado. Gestos são criados entre os familiares, assim como a oralização é efetuada, mas a comunicação não é a mesma. Na sala de aula, é possível fazer a comparação com os alunos surdos que tem familiares que aprenderam a língua de sinais: eles são mais desenvolvidos no que diz respeito à facilidade com a língua de

⁴ PADDEN & HUMPHRIES. **Inside Deaf Culture**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006.

sinais. Diferentemente de outros alunos que foram oralizados pelos seus pais e que ainda não sabiam se comunicar em Libras.

Em relação aos intérpretes, a língua de sinais está presente em todo o seu cotidiano, a escola proporciona um espaço de aprendizado para os demais alunos e professores, pois há neles a natureza social do *habitus* que segundo Mauss irá variar não somente com os “[...] indivíduos e suas imitações, mas irão variar, sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição” (MAUSS, 2003, p. 404).

A faculdade da repetição dá aos intérpretes a capacidade de memorizar os sinais, eles criavam técnicas e parcerias com os alunos surdos para se comunicarem. Nas aulas de Sociologia consegui perceber a parceria entre o surdo e o intérprete, eles elaboravam métodos para trocar o aprendizado, principalmente com os conceitos sociológicos. Quando o conteúdo não fazia parte do cotidiano do surdo, tornava-se mais difícil para interpretar o conteúdo ministrado pela professora. Dessa forma, o surdo, juntamente com o intérprete, criava o sinal para determinado termo, determinada palavra.

Sobre os conceitos de maior dificuldade a serem interpretados, é importante buscar no autor Tim Ingold a explicação de que o conhecimento depende, principalmente, do aprofundamento do indivíduo na busca de conhecimento dos acontecimentos do mundo. As habilidades do indivíduo fornecerão suporte para que ele adquira as informações. Dessa forma o autor relata sobre a educação da atenção que ela será fundamental para o desenvolvimento cognitivo do ser (INGOLD, 2010, p.19). O processo cognitivo dará suporte para os comandos verbais serem transformados em sinais, tais sinais serão introjetados para a mente dos alunos surdos, que poderão compreender tanto as falas cotidianas quanto assimilar conceitos mais abstratos.

Em relação à dimensão cultural, Roy Wagner utiliza os termos invenção e inovação e relata “que são frequentemente utilizados para distinguir atos ou ideias originais, ou coisas criadas pela primeira vez, de ações, pensamentos e arranjos que se tornaram estabelecidos ou habituais” (WAGNER, 2010, p.77). Portanto, o ato de criar os sinais pelos surdos e intérpretes confirma essa ideia de inventar e inovar, uma vez que o aluno surdo, assim como o aluno ouvinte tem que estudar entre 12 a 13 disciplinas durante o ano, a cada dia um conteúdo diferente, o que para o surdo torna mais difícil assimilar os conceitos; assim, eles criavam sinais e inovavam constantemente para lidar com os conteúdos ministrados pelos professores, porém, os sinais criados por eles em determinada disciplina só podia ser usado por eles mesmos, pois

para um sinal ser criado oficialmente e ser compartilhado é preciso que ocorra um estudo entre vários surdos e pesquisadores, segundo o trecho da fala do intérprete Lucas do segundo ano:

Por exemplo, estou falando de faculdade, às vezes tem uma disciplina que o professor usa muito um termo que surdo não conhece, aí o próprio surdo cria o sinal. Por exemplo, tem uma disciplina na faculdade chamada algoritmo, aí o surdo deu o sinal. É próprio do surdo que criou, então se o surdo criou esse sinal eu não posso divulgar, ele usa esse sinal na faculdade. Outro exemplo o sinal de sociologia, eu não sei o sinal de sociologia, aí eu uso a datilologia, então ele (Paulo) criou o sinal para ser usado na sala de aula. Por exemplo se eu estiver em uma palestra e tiver que falar a palavra sociologia eu vou fazer a datilologia, aí é feito um estudo com vários surdos e vê o sinal que eles fazem e faz uma comparação desses sinais para eles criarem o termo. (02 de dezembro de 2016).

A cultura surda utiliza elementos simbólicos e representações para a comunicação, sendo que a língua de sinais está inserida em um contexto escolar que não contempla integralmente a inclusão. A cultura surda ficava escondida nas rodinhas de conversa dos próprios surdos e intérpretes que compunham o ambiente. Entretanto, Roy Wagner (2010), ao relatar sobre inúmeros contextos simbólicos, expressa como a criação de novos contextos pode se dar à medida que o elemento simbólico variará conforme os símbolos sejam colocados em uso pelas pessoas. E assim a língua de sinais se expandia na escola, alunos ouvintes iniciavam o processo de aprendizado da Libras e começavam a se comunicar com os surdos. Ou seja, novos usos eram criados, e as rodinhas começavam a se expandir nos corredores da escola.

O contexto simbólico dos surdos na sala de aula e na escola era limitado pelo fato de não se poder utilizar a audição, ficando a visão encarregada por contemplar o ato de ver e ouvir. E a comunicação segundo Wagner “só é possível mediante o compartilhamento de associações derivadas de certos contextos convencionais por aqueles que desejam se comunicar” (WAGNER, 2010, p.80). Portanto, o contexto dos surdos e o ato de se comunicar é mais facilitado, principalmente, em espaços que utilizam a Libras, sendo em casa com os familiares que sabem falar por meio da Língua de Sinais, nas escolas, nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) ou em outros locais específicos em que mais surdos ou ouvintes que saibam a Libras estejam presentes. E no caso dos ouvintes que não sabiam falar em Libras o que era comum era utilizar a oralização e os gestos para se comunicarem.

Porém, os alunos surdos nem sempre estão inseridos em espaços que contemplam a Libras, e eles acabam lidando com recursos limitados, em que é necessário adquirir mais habilidades, mas eles não deixam de sentir o mundo todo com os seus corpos, a diferença é que essas pessoas lidarão com os recursos disponíveis a elas, assim como outras pessoas que tenham

alguma deficiência (refiro-me aqui especialmente às deficiências físicas) (INGOLD, 2008, p. 26). O ‘som da visão’⁵ para os alunos surdos pode aparecer com uma imaginação do que seria o som, guiados pela visão.

Dessa forma, os demais sentidos ficam mais aguçados, sendo que para os surdos a visão é o principal suporte para a comunicação, com reflexos do contexto cultural de cada localidade, pois a Libras não é a mesma em todo o país: ela recebe adeptos e expressões diferentes em distintas regiões dentro do próprio país, estado e até mesmo do próprio município. Assim como a língua de sinais não é universal, pois não somente dentro do país ela sofre variações, mas também em todo o mundo.

*

Feitas as considerações acima sobre o histórico da Libras, as inspirações teóricas da monografia e a própria inventividade da língua de Sinais e seus praticantes, no capítulo seguinte voltarei a escrita mais explicitamente para o meu recorte sobre o cotidiano escolar durante o período em que estagiei na disciplina de Sociologia e me envolvi no projeto de ensino e aprendizado de Libras. O meu diário de campo, que considero analítico, será o guia principal na minha inscrição ao longo do capítulo 2.

⁵ Termo utilizado pelo autor Jáme (1990, pp. 11-12, *apud* Ingold, 2008).

3. CAPÍTULO 2 – AS VIVÊNCIAS DO ALUNO SURDO NA ESCOLA

Durante todo o percurso na escola, o diário de campo foi crucial para minhas percepções e análises. Com ele, busquei relatar de forma coerente como é a relação do aluno surdo no ambiente escolar, como é a relação do intérprete com o aluno surdo na escola, como foi o acompanhamento das famílias e do corpo docente com a língua de sinais e como se deram as relações dos alunos ouvintes com os alunos surdos. Eventos e projetos para promover a valorização, o reconhecimento e a inclusão do aluno surdo e da cultura surda na escola também foram realizados.

3.1 INSERÇÃO EM CAMPO: OUVIR COM OS OLHOS E FALAR COM AS MÃOS

O início do contato na escola foi no dia 15 de fevereiro de 2016 por meio do estágio na disciplina de Sociologia, no qual acompanhei a professora de sociologia Mayara da escola durante todas as aulas participando em todas as turmas, sendo elas 1M1, 1M2, 1M3, 1M4, 2M1, 2M2, 2M3, 3M1 e 3M2. Devido ao fato da disciplina ser ministrada apenas uma vez por semana em cada turma, durante dois dias da semana minha função era auxiliar nas atividades mais diversas da escola, dessa forma participei da rotina escolar.

A princípio não tinha muita coisa diferente das outras escolas que frequentei, era uma escola comum, com alunos, professores, funcionários e situações corriqueiras. Porém foi quando entrei na turma 2M1 que observei algo de incomum, naquela turma havia um aluno um tanto diferente dos outros, o aluno Paulo que estava acompanhado de um intérprete. Nos corredores da escola e na sala dos professores já corriam boatos da presença de alunos com necessidades especiais na escola, mas, antes que eu o visse, não havia se concretizado esta afirmação para mim.

O segundo contato foi com a turma de terceiro ano, uma turma muito cheia o 3M1, sendo que me senti um pouco perdida nessa turma, pois, por se tratar de alunos que estavam na escola desde o primeiro ano, amadureceram com toda aquela rotina escolar, tinham alunos bem grandes fisicamente, até parecia uma turma do primeiro período da faculdade. Inclusive, antes da professora me apresentar como estagiária, até me confundiram com os outros alunos. Logo no início da aula a professora pediu para eu passar uma lista de presença, quando os alunos assinaram ela chamou nome por nome para conhecer o rosto de cada um. Foi nessa hora em que dois alunos não responderam oralmente e o intérprete respondeu por eles.

Nesta turma também havia um intérprete que acompanhava Brenda e Pedro, os dois são surdos desde a infância, segundo o próprio intérprete que perguntou aos alunos para me responder. Percebi que diferentemente do segundo ano, aquele terceiro ano estava bem familiarizado com a presença dos dois, o que não era apenas o reconhecimento da presença, mas havia diálogo por meio da língua de sinais ou por gestos que correspondiam à abertura para um diálogo, mesmo que de forma tímida, entre os demais colegas de sala.

A terceira turma em que entrei, e havia nela mais uma aluna surda, foi a turma 1M1. De início posso dizer que foi uma das turmas responsáveis pela minha curiosidade com a língua de sinais, pois a aluna Maria em especial não tinha uma pessoa que a acompanhasse e que traduzisse o universo preparado apenas para pessoas ouvintes. Foi um espanto e incômodo para muitos professores e profissionais da escola, não pelo fato dela não escutar, mas pelo fato de não ter um profissional para atender às limitações dela naquele momento. Procurei saber com o setor pedagógico da escola porque a aluna não tinha intérprete, e a resposta foi desanimadora. Segundo a pedagoga “o fato da aluna Maria não ter um intérprete era por questões burocráticas da Secretária do Estado da Educação – SEDU, em relação a contratação de funcionários” em fevereiro de 2016, sendo que assim que a aluna fosse matriculada e diagnosticadas as suas necessidades especiais, a SEDU já deveria ter se encarregado de contratar o profissional de Libras para atender a essa aluna.

Foi então que, antes mesmo da professora me apresentar nesta sala, logo sentei do lado de Maria para tentar auxiliar a aluna nas atividades e me senti estranha por não poder me comunicar com ela. Senti que ela estava desapontada, mas logo começamos a escrever uma para outra. Tive a ideia de pegar uma folha do caderno e um lápis e escrevi algumas perguntas, tais como: quantos anos ela tinha; o que ela gostava de fazer e de comer; se ela conhecia a disciplina de Sociologia; e também se ela poderia me ensinar a língua de sinais.

Durante a primeira aula no 1M1 conheci boa parte da vida da Maria, mesmo que de forma limitada, pois ela não assimilava algumas palavras, não respondia às perguntas da forma com que eu perguntava. Achei uma situação estranha, porque realmente não entendi como ela não conseguia responder a perguntas tão simples. Ela poderia responder escrevendo no papel como eu. Mas não foi o que fez.

Neste primeiro contato na escola e na sala de aula, percebi quantas limitações existem no ambiente escolar, principalmente, em relação à inclusão de alunos com necessidades especiais. Nesta mesma semana durante uma reunião na sala dos professores foi comunicado que aluna Maria além de ser surda, tinha dificuldades motoras (o que achei pouco visível) precisava de atendimentos especiais em relação aos conteúdos e atividades, pois a aluna teria

Deficiência Intelectual (DI), a informação foi passada para a escola pela mãe da aluna que, durante algumas semanas, iria todos os dias levar a filha na escola e conversar com o diretor da escola para saber sobre a contratação do intérprete para sua filha. Tal explicação também esclarecia o fato dela não conseguir responder às minhas perguntas escritas no papel.

O primeiro mês no estágio foi de muito estranhamento, pois eu ainda não havia vivenciado um ambiente com tantas limitações e que não tinha estrutura física para receber os alunos, uma vez que a escola já estava funcionando há três anos em um prédio alugado devido reformas para melhorias no prédio principal. Sem falar na falta de funcionários para atender às necessidades especiais, como era o caso da aluna Maria.

Durante o tempo de adaptação com os alunos e com a escola, não deixei de fazer os meus apontamentos, e o interesse pela Língua de Sinais foi aumentando, uma vez que a disciplina ofertada na graduação feita por mim não oferecia suporte necessário para que os futuros professores se comunicassem com os alunos surdos de forma autônoma, sem precisar da ajuda do intérprete; pois mesmo com a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 que teve seu decreto no ano de 2005 reconhecendo a Língua de Sinais como meio legal de expressão e comunicação, garantindo a inclusão da disciplina de Libras como obrigatória nos cursos de formação de professores para todos os cursos de Licenciatura de diferentes áreas do conhecimento, a carga-horária era pequena (60 horas no semestre) em relação à dimensão e à dedicação que se deve ter para aprender uma língua nova. Apesar de todas as dificuldades, as aulas de Sociologia fluíam bem, assim como o contato com os alunos. Em alguns dias colocaram a Maria nas aulas do segundo ano junto com o Paulo para que ela tivesse o apoio de um intérprete, mas o conteúdo das disciplinas não era o que ela precisava aprender no momento. Maria não precisava apenas de integração, mas sim de inclusão. E foi apenas em março que chegou um intérprete para ela, e suas necessidades começaram então a ser atendidas.

Já no início de abril busquei conversar com os intérpretes das três turmas em questão, tive um contato maior com o intérprete do terceiro ano, pois o mesmo iria desenvolver um projeto na escola para que a comunidade escolar pudesse aprender Libras. Foi então que comecei a pegar atividades com ele para aprender e relembrar as noções básicas das aulas de Libras da minha graduação, tais como o alfabeto manual ou datilológico, cumprimentos, lugares específicos, entre outros. Pois o meu objetivo era poder me comunicar com todos os alunos sem exceção. Senti bastante dificuldade em relembrar as noções básicas da Libras, infelizmente, como dito anteriormente, a disciplina ofertada pela Universidade, em sua grande curricular contempla apenas 60 horas em um semestre, o que não é suficiente para a formação de um professor que irá conviver diretamente com os alunos surdos nas escolas.

Em meados do mês de abril, mais um aluno começou a fazer parte da turma, e sem que fossemos comunicadas na sala dos professores, entramos na sala do 2M1 e nos deparamos com a presença do aluno Wiliam que veio remanejado do turno noturno, ele, assim como o Paulo, a Maria, a Brenda e o Pedro também são surdos. Ainda não sei dizer se é política da própria escola colocar os alunos surdos nas mesmas turmas, mas acredito que seja um direcionamento da SEDU para que não se tenha mais gastos com contratação de mais profissionais intérpretes.

Como a disciplina de Sociologia tinha apenas uma aula por semana, passávamos exercícios para que os alunos entregassem, e, durante a correção dos primeiros exercícios, pude analisar a diferença na escrita. A princípio, minha correção foi realizada de acordo com a Língua Portuguesa, mas antes de dar uma certa pontuação, consultei um dos intérpretes sobre a escrita dos alunos. Ele logo me disse que o aprendizado da Língua de Sinais e a comunicação em Libras não requer tantos conectivos, e é difícil ensinar uma língua para os surdos que não corresponde à prática diária do uso de sinais, o que muitos professores não compreendiam, inclusive os professores da Língua Portuguesa. Ele ainda me explicou que seria como se uma pessoa que falasse português tivesse que conviver em um ambiente de pessoas que falassem inglês e concomitantemente tivesse que conviver com as duas línguas.

Neste mesmo mês, surgiu a oportunidade de realizar um trabalho etnográfico que tratasse sobre uma performance ou técnica corporal, visando a consecução de um trabalho final de uma disciplina de Antropologia, e foi então que decidi me dedicar mais a fundo com toda a técnica realizada pelos intérpretes e pelos alunos surdos. Inúmeras foram as percepções em campo de pesquisa e observação. Os meses de abril, maio e junho de 2016 foram fundamentais. A metodologia utilizada foi a observação participante com registros no diário de campo.

Durante as aulas de algumas disciplinas no Ensino Médio, o intérprete do terceiro e o do primeiro ano ensinam a Libras para todos os alunos da turma, que segundo eles demonstravam muito interesse, o que também envolveu os alunos surdos, pois eles ensinavam os próprios colegas e se tornavam protagonistas da técnica. O intérprete Leandro do primeiro ano intitulou o projeto realizado na sala de aula que ocorria todas as sextas-feiras nas aulas de matemática de “Mãos falantes”. Segundo ele, os alunos tinham muito interesse, até mesmo os alunos que eram considerados ‘os mais bagunceiros’ ou os ‘menos interessados pelo estudo’.

Já no terceiro ano, muitas atividades também eram realizadas durante as aulas de alguns professores que dispunham de tempo para que alunos ouvintes aprendessem Libras. No ano de 2015, o intérprete Valdecir (do terceiro ano), me contou sobre o Projeto Incluir Libras que foi realizado em uma escola municipal do município de Vila Velha. Ele relatou que iria trabalhar

com o mesmo projeto na escola, mas o espaço físico não colaborava. Por isso estaria desmotivado a trabalhar naquele ano.

Sobre o conjunto de técnicas em questão, observei constantemente as performances desenvolvidas pelos intérpretes e alunos para quem eles interpretavam. Alguns sinais e expressões pessoais eram até mesmo engraçados, observei o sorriso no rosto dos colegas de sala dos demais alunos, não um sorriso de deboche ou ironia, mas um sorriso de satisfação em perceber que os alunos estavam acompanhando as atividades da sala e compreendendo o que acontecia, mesmo que nem tudo fosse interpretado. Alguns alunos apostavam em aprender alguns sinais, mas quando não conseguiam optavam por gestos improvisados que eles mesmos criavam para manter a comunicação.

A performance para a comunicação envolvia todo o corpo, não somente as mãos como muitos acham, mas também as expressões faciais eram fundamentais na Língua de Sinais, conforme problematizei no capítulo anterior.

Comparando a performance dos cinco alunos, eu consegui distinguir algumas diferenças entre eles. A Maria, o Paulo e a Brenda eram oralizados, ou seja, faziam leitura labial com mais facilidade. E os surdos emitem som, eles não são mudos, são apenas casos específicos que apresentam esse quadro, mas não é comum. Maria e Paulo constantemente emitiam sons, já percebi que Maria emitia som até mesmo sem perceber, diferentemente do Paulo que muitas vezes se comunicava oralmente, fazia leitura labial e respondia os professores e colegas, com suas limitações. E, por acaso, entre os cinco, eles eram os dois mais comunicativos em suas salas e com os colegas.

O Paulo além de ser muito comunicativo estava sempre alegre e tinha uma pinta que os professores e o intérprete que o acompanhava chamavam de “malandro”. Ele possuía tatuagens pelo corpo, gostava de usar cordões estilo “famosinho”, segundo os colegas de sala. Sobre as tatuagens do Paulo uma delas era o nome da mãe e a outra era o seu próprio nome, perguntei o motivo de ter o próprio nome tatuado no braço, e ele me respondeu: - “eu já fui assaltado, tomei um tiro porque não consegui falar, roubaram o meu celular e o celular da minha irmã, e agora quando perguntam o meu nome, mesmo sem escutar eu mostro minha tatuagem”.

Na turma do Paulo, a mesma do Willian, os colegas não demonstravam muita aproximação com eles, poucos trocavam sinais com os dois. Percebi que eles sempre faziam os trabalhos juntos, não se aproximavam dos outros colegas para formarem grupos. Eles também utilizavam bastante o celular, estavam sempre jogando ou conversando com pessoas das redes sociais.

Em relação ao Paulo, o Wiliam era mais “na dele” segundo o intérprete. Morava com um amigo, não tinha apoio da família por isso precisava trabalhar para seu próprio sustento. O intérprete Lucas que acompanhava os dois, disse que decidiu aprender a Libras após conhecer um amigo da igreja que participava dos cultos, mas não escutava nada, pois na igreja não havia intérprete. Desde então, fez cursos e começou a trabalhar em eventos e em escolas como intérprete.

Sobre a Maria, ela sempre estava sorrindo, falava com todos da escola, intrigante essa descrição do intérprete, mas era isso mesmo, a Maria ‘falava com todos’. Apesar da DI, ela conseguia acompanhar as matérias dentro das limitações dela, as atividades eram adaptadas e ela alcançava os objetivos. O interessante é que no IM1 todos os alunos estavam sendo envolvidos com o aprendizado da Libras para poderem conversar com a Maria. A professora de matemática cedeu uma aula por semana para ser realizado um projeto com os alunos.

E era notória a performance dos alunos dessa turma. Conversavam com a Maria sem nenhum constrangimento, interagiam com sinais, configuração de mãos, ponto de articulação e movimento que correspondiam aos parâmetros principais da Libras: “A configuração de mãos é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal [...] O ponto de articulação é o lugar do corpo onde será realizado o sinal [...] E o movimento é o deslocamento da mão no espaço, durante a realização do sinal [...]” (FERNANDES; STROBEL, p.8 -10, 1998)⁶.

Além disso, tem-se os componentes não manuais que são a expressão facial ou o movimento do corpo. Dessa forma “A expressão facial e corporal podem traduzir alegria, tristeza, raiva, amor, encantamento, etc., dando mais sentido à Libras e, em alguns casos, determinando o significado de um sinal” (FERNANDES; STROBEL, p.14, 1998)

Brenda e Pedro do terceiro ano ficavam em um lado específico da sala, sempre do lado esquerdo com um grupo de 5, 6 colegas. Mas de modo geral a turma interagia bastante com eles. Sempre eram incluídos nos grupos de trabalho, apresentavam os seminários como os outros alunos, o intérprete fazia o seu papel de intérprete e tradutor. Afinal, são os intérpretes que de certo modo dão voz aos surdos. Brenda e Pedro queriam muito ingressar em uma faculdade, o Pedro queria estudar Química ou Engenharia Química. A Brenda ainda estava em dúvida, mas garantia ter muita facilidade com a Sociologia e também gostava de Pedagogia.

Foi possível perceber as diferenças de interesse e desempenho na disciplina de Sociologia dos 5 alunos surdos da escola. A Brenda e Pedro eram mais responsáveis, corriam

⁶ FERNANDES, Sueli de Fátima & STROBEL, Karin Lilian. **Aspectos lingüísticos da LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

atrás, acredito que isso também era influência do intérprete deles que cobrava dos dois o comprometimento com os estudos. O Paulo era muito dependente do intérprete, não procurava fazer os trabalhos e atividades sozinho; um trabalho de Sociologia quem fez foi o intérprete para que ele pudesse apresentar. Em relação a Maria, percebi que ela apenas copiava as matérias do quadro, o intérprete a deixava muito sozinha, saía da sala no momento das explicações dos conteúdos. E isso dificultava ainda mais o aprendizado dela.

Na turma também era desenvolvido um projeto de incentivo aos alunos para aprenderem a Libras, muitos já lidavam com os sinais de forma bem familiar. Formavam muitas frases dialogando com os colegas sem nenhum problema. Me senti muito envolvida com essa turma, e com a Brenda e o Pedro. Tentei incentivá-los ao máximo e motivá-los a cursar um curso superior. Talvez tenha sido por essa aproximação que eles me deram um sinal próprio. Os surdos não se chamam pelos nomes, cada um recebe um sinal dado por outro surdo, em muitos casos eles dão o sinal à pessoa de acordo com o ponto que mais marca de sua fisionomia, principalmente no rosto, mas não é regra para todos. O sinal também pode ser uma palavra que defina a pessoa. O meu sinal estava ligado ao meu cabelo, o aluno Pedro que me deu, ele disse que parecia a Rapunzel (personagem de desenho infantil), pelo fato do meu cabelo ser comprido.

Em relação aos intérpretes, percebi o quanto era cansativo passarem cinco aulas interpretando conteúdos diversos. Diferentemente dos professores, eles não tinham horário de planejamento para estudarem os conteúdos e interpretar para os alunos, esse trabalho era realizado em casa. Por isso, é um serviço bem cansativo e que requer muita dedicação. Nas aulas de sociologia consegui perceber a diferença entre os três intérpretes. O intérprete Leandro do primeiro ano interagia bastante com toda a turma, porém, nem sempre isso era bom. Em uma aula a professora me pediu para explicar o conteúdo, e ele ficou perguntando algumas questões, o que fez dispersar a atenção da turma e da aluna Maria que não estava recebendo as informações. Muitas vezes, eu o percebi andando pela escola, enquanto a aluna ficava sozinha na sala em momentos de explicação do conteúdo. Notei algumas situações em que alguns professores procuravam por ele para que ela não ficasse sozinha durante as exposições de conteúdo.

Com o intérprete Lucas do segundo ano, acredito que ele não tinha muita abertura para lidar com a turma, poucos alunos procuravam-no para aprender algum sinal. Ele se preocupava com o Paulo e com o Wiliam, mas os deixava mais autônomos. Fiquei surpresa no segundo trimestre entre maio e começo de agosto, pois o Lucas ajudou os dois a realizarem o trabalho de sociologia e pediu a prova antecipada para poder adaptar para os dois.

Por fim, o intérprete do terceiro ano apresentava métodos diferenciados para lidar com a Brenda e o Pedro, os dois alunos eram motivados a fazerem a prova do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM - e conquistarem uma vaga na faculdade, os alunos sabiam das dificuldades, o tempo de prova era um inimigo para eles, pois precisavam de tempo a mais para realização das provas e o Ministério da Educação (MEC) concede apenas 1 hora a mais para os surdos, o que não é suficiente. Nas provas de sociologia que a professora costumava fazer com um número de 8 a 10 questões, misturando questões objetivas e discursivas, o intérprete sempre precisava de um a duas aulas a mais para os alunos responderem as questões com mais tranquilidade.

Outra característica desse intérprete é que ele sempre perguntava à professora o significado de alguns conceitos da disciplina para poder pesquisar mais e explicar para os dois alunos. Ele não gostava de ter contato com a prova antes, quando eu perguntei se ele gostaria de avaliar o nível da prova para saber se os alunos estariam acompanhando e se estaria apropriada para eles, ele me disse que não gostaria de ler antes, pois no ENEM os alunos não teriam esse suporte. Sempre era bom interpretar a prova para eles da forma como eles iriam encarar a vida. O envolvimento dele com a turma também era bem interessante, muitos alunos procuravam aprender a Libras, e logo se interessaram quando ele disse que desenvolveria um projeto na escola.

Busquei conversar com algumas pessoas sobre a atuação dos intérpretes na escola e se havia algum conflito entre eles, pois percebia que eles não se comunicavam muito, realizavam trabalhos isolados. E a pedagoga da escola me relatou que durante o ano de 2015 ocorreu uma “briga interna” entre os intérpretes Lucas e Valdecir, ela não relatou como isso ocorreu exatamente, mas me disse que o Valdecir sempre buscava apresentar um trabalho diferenciado, enquanto o Lucas por ter muitos anos na profissão e ser reconhecido com um bom funcionário acabou se sentindo intimidado. O Valdecir acompanhou o Pedro e Brenda no segundo ano e disse que gostaria de dar continuidade com eles no terceiro ano, foi então que o intérprete Lucas também demonstrou interesse em ser intérprete dos dois alunos. Esse fato criou um certo conflito que, aparentemente, estava contido no início do ano letivo de 2016. Porém, no início de março com a chegada do Leandro, ocorreu outro conflito, ele não queria interpretar para a Maria que além da surdez tem DI. A pedagoga teve que intervir nesse caso para que o Valdecir não parasse de interpretar para a Brenda e Pedro. Mesmo estando na escola durante todos os dias não consegui perceber esse conflito estabelecido entre os três intérpretes, claro que eu não entendia o porquê deles não produzirem um trabalho coeso e em conjunto. A partir do relato da pedagoga foi que consegui perceber melhor as relações de conflito entre eles e o afastamento.

Durante todo o primeiro e o segundo trimestres de 2016 pude compreender melhor o universo dos surdos no ambiente escolar, mesmo com total apoio da parte pedagógica e de muitos professores, ainda assim a cultura surda acabava ficando isolada em um universo que só eles viviam, a abertura maior acontecia com os mais curiosos que buscavam conhecer a língua de sinais. Trabalhos isolados eram compartilhados com as turmas que tinham alunos surdos, as outras turmas acabavam não interagindo nesse sentido, e acabavam sem ter contato com a prática corporal e com os próprios alunos surdos.

Na primeira semana de setembro de 2016, o intérprete Valdecir e a pedagoga Sandra me procuraram para que eu pudesse escrever uma proposta de trabalho para iniciar as aulas aos sábados para toda a comunidade escolar. Eles já me reconheciam na escola como pesquisadora da área, foi então que o Projeto Incluir Libras começou a ganhar forma no papel. As aulas estavam previstas para serem iniciadas nas primeiras semanas de outubro. Mas, antes que isso acontecesse, o dia 26 de setembro seria comemorado na escola com apresentações, pois é neste dia que é comemorado o dia do surdo. Os intérpretes prepararam apresentações com os alunos que envolveram toda a escola.

Um acontecimento inesperado ocorreu no dia 23 de setembro: a chegada da nova diretora. Os professores receberam a notícia e ficaram constrangidos com a situação, pois o diretor da escola foi exonerado do cargo. Mas a comemoração não foi deixada de lado, mesmo com o clima de inquietação e de incerteza dos professores.

A comemoração do dia do Surdo no dia 26 de setembro foi realizada com várias apresentações envolvendo toda a escola e, principalmente, os alunos surdos. A data é comemorada porque:

[...] A Comunidade Surda Brasileira comemora o Dia Nacional do Surdo, data em que são lembradas as lutas históricas por melhores condições de vida, trabalho, educação, saúde, dignidade e cidadania. A Federação Mundial dos Surdos já celebra o Dia do Surdo internacionalmente a cada 30 de setembro. No Brasil, o dia 26 de setembro é celebrado devido ao fato desta data lembrar a inauguração da primeira escola para Surdos no país em 1857, com o nome de Instituto Nacional de Surdos Mudos do Rio de Janeiro, atual INES- Instituto Nacional de Educação de Surdos.⁷

A comemoração ocorreu na quadra da escola, apesar de ter um espaço bom para a realização de eventos, o restante da escola não é assim. A estrutura é precária. O aparelho de som utilizado foi de péssima qualidade, pouco dava para ouvir. Muitos alunos reclamaram da forma com que

⁷ SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Surdez - Campanhas**. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=701>. Acesso em: 02 de abril. 2017.

evento foi organizado, ou melhor, pela falta de estrutura para vários eventos. Muitos alunos relatavam que não se sentiam motivados a estudar, e falavam sobre a dificuldade dos alunos surdos para conviver em um ambiente precário.

Inicialmente a programação do evento contou com um breve histórico e uma contextualização do dia do surdo realizado por um dos intérpretes. Logo após, foram realizadas duas apresentações de músicas “Raridade” (Figura 01) e “Tempo de Alegria” (Figura 02). As duas músicas foram apresentadas pelos alunos da escola. O instrutor de Libras que trabalhava no turno vespertino também participou contando a sua história de vida.



Figura 01 – Interpretação da música Raridade. Fonte: própria pesquisadora, em 26/09/2016.



Figura 02 – Interpretação da música Tempo de Alegria. Fonte: própria pesquisadora, em 26/09/2016.

Toda a escola foi envolvida neste dia de comemoração, incluindo funcionários e pais dos alunos surdos. A maior parte das apresentações foi realizada por alunos ouvintes, e, durante a semana que antecedeu o dia 26, a escola toda estava envolvida em ensaios e preparação de cartazes, painéis e lembranças.

Em meio às apresentações, busquei registrar as técnicas utilizadas pelos alunos ouvintes para apresentarem as músicas em Libras, alguns simplesmente reproduziam os sinais dos intérpretes, outros, porém, se envolviam com os sinais e expressavam em olhares e movimentos diferenciados conforme a música que estava sendo reproduzida por meio dos sinais. Muitos pensam que os surdos não devem e não podem ser musicalizados, porém, eles têm um relacionamento com a música por meio das vibrações e ondas sonoras, apesar de não escutarem, o corpo é envolvido pelas vibrações.

Ingold (2008) utiliza como exemplo a visão do som, o autor também se preocupa com o sentido das vibrações para o corpo, porém apresenta o fato de ouvir com o olho, que remete ao sentido da musicalidade para os surdos:

Um exemplo particularmente eloqüente da visão do som, ou de ouvir com o olho, é apresentada pelo poeta David Wright, que fala sobre como ele 'ouve' objetos, ou melhor movimentos, que a maioria de nós toma como silenciosos: *Suponho que o vôo da maioria dos pássaros, pelo menos à distância, deve ser silencioso...*

No entanto aparenta ser audível, cada espécie criando sua própria 'música para os olhos', da melancolia indiferente das gaivotas ao rápido stacato dos pássaros. (Wright 1990:12)

A pungência particular desse exemplo deriva do fato de que o próprio Wright é surdo. Ele não pode ouvir com os ouvidos, portanto, como o fazem outras pessoas. Mas, precisamente por essa razão, sua experiência visual tem uma dimensão auditiva que falta à maioria das pessoas com audição normal colocadas em situações semelhantes (INGOLD, 2008, p.24).

A experiência visual, portanto, dá sentido ao som dos animais, das ondas sonoras de uma música, etc. Segundo o intérprete Valdecir do terceiro ano, as músicas com batidas agitadas são as preferidas dos surdos, as vibrações são mais fortes, por isso, sentem com mais intensidade. E eles se envolvem com a música à medida que o intérprete sinaliza, pois, a expressão corporal do intérprete é o que envolve os surdos.

Tanto no relato da experiência visual quanto no relato das vibrações que o som oferece, a sensação e a percepção dos surdos são estimuladas, e mesmo não escutando, o corpo sente os ruídos, as vibrações e, “Além disso, os movimentos das mãos nos gestos respondem a movimentos visualmente perceptíveis no entorno do sinalizador, assim como, no contexto oral,

os sons da fala repercutem as propriedades do ambiente acústico, produzindo o “iconismo gestual” que é um traço tão pronunciado da língua de sinais dos surdos [...] (INGOLD, 2008, p. 30). Dessa forma, os sons para os surdos são reproduzidos para o corpo deles, por meio de imagens e vibrações, e a visão tem principal função para a captação do sentido dado ao som.

3.2 O PROJETO INCLUIR LIBRAS E OUTROS EVENTOS

Durante a última semana de setembro e a primeira de outubro, o intérprete Valdecir buscou em toda a escola os interessados em participar do projeto. Várias pessoas confirmaram presença, inclusive alguns professores, funcionários da limpeza e segurança. A diretora que estava chegando na escola também demonstrou interesse em ajudar.

A execução do projeto no papel foi escrita por mim, busquei algumas referências que deram base para a proposta do intérprete, pois para que o antigo diretor pudesse liberar a escola para receber os alunos aos sábados seria preciso formalizar o objetivo e a importância da inclusão da Libras para a comunidade. Além da parte escrita, também busquei ajudar na execução, juntamente com a pedagoga e outra profissional da área de Libras que auxiliava a aluna Maria no contraturno devido à deficiência intelectual.

Na sexta-feira, dia 7 de outubro, a sala de aula que receberia o projeto estava sendo arrumada pelas alunas Brenda e Tatiana do terceiro ano. A Tatiana é ouvinte e conversava muito bem em Libras com a Brenda, as duas eram colegas de turma, sempre sentavam perto com um grupo que realizava trabalhos e se relacionavam de forma direta com Brenda e Pedro. Na sala de aula, por volta das 10:30hrs da manhã de sexta-feira já havia vários painéis e cartazes que foram confeccionados para decorar a sala e a deixar mais alegre para o projeto (Figura 03).



Figura 03 – Sala de aula arrumada para o Projeto Incluir Libras. **Fonte:** própria pesquisadora, em 07/10/2016.

Foi no dia 08 de outubro que o projeto teve início de fato, logo que cheguei notei muitos alunos da escola, e funcionários, o que foi bom para os alunos surdos, pois perceberam que muitos de seus colegas estavam interessados em falar por meio da Libras. A primeira aula do projeto teve início às 9:45hrs, porém estava marcada para iniciar às 9:00hrs, alguns atrasos ocorreram. Além dos alunos da própria escola, outras pessoas que o intérprete Valdecir conhecia também foram participar. Ao todo, formou-se um grupo de aproximadamente 35 pessoas.

A pedagoga Sandra fez a abertura do projeto com uma breve apresentação sobre a escola e o objetivo do projeto, logo após apresentou os funcionários e alunos que ali estavam, e após apresentou os 4 alunos surdos, o Pedro não compareceu, pois estava em um retiro da igreja. Todos que sabiam o alfabeto manual, se apresentaram em Libras, soletrando os próprios nomes. A mãe e o pai da Maria tiveram a oportunidade de falar na apresentação, contaram um pouco da história da filha, a mãe se emocionou e disse que o projeto a ajudaria a aprender a falar com a filha, da mesma forma o pai, pois eles não sabiam falar em Libras. Eles já criaram um meio próprio para se comunicar com a filha, mas ainda assim não se tratava de uma comunicação fácil.

Paulo e a sua mãe chegaram atrasados, mas logo se apresentaram. A mãe de Paulo disse só se comunicar com o filho usando a Língua de Sinais. O Wiliam chegou junto com eles e se apresentou, sempre tímido e sem falar muito.

O primeiro dia foi marcado pelas apresentações e por alguns depoimentos que me emocionaram, uma mulher levou seus três filhos, sendo que dois eram surdos, uma menina e um menino. Ela relatou sobre a dificuldade de lidar com as escolas, com os locais públicos e

privados que não são acessíveis para os surdos, não têm intérpretes. Porque, enquanto eles forem crianças, ela falaria por eles, mas depois terão que se virar sozinhos, fiquei um pouco chocada na parte de seu depoimento em que ela falou sobre alguns intérpretes que não instruem o surdo da forma correta, interpretam o conteúdo da sala de aula de forma errada, e algumas vezes até enganam os surdos, sendo que ela disse que isso é muito frequente.

As apresentações foram encerradas por um professor de matemática, primeiro aluno surdo formado pelo IFES de Vitória, ele dava aula de matemática para alunos surdos pela rede municipal de ensino. Segundo ele, a Libras demorou entrar em sua vida, ele teve contato aos 22 anos, e logo que conheceu ficou muito feliz e começou a se comunicar melhor com outros surdos e intérpretes, antes disso, na maioria das vezes, ele escrevia o que queria.

Logo após, todos interpretaram duas músicas em Libras, “Tempo de Alegria” e “Raridade”, foi muito divertido, ao final, um lanche foi distribuído para todos.

No dia 22 de outubro (segundo dia do projeto) infelizmente não pude participar, pois estava acontecendo uma greve dos rodoviários na grande Vitória, com isso, não conseguir chegar na escola. Mas o projeto não deixou de acontecer por conta desse motivo, as pessoas que tinham carro foram buscar as outros que moravam perto do local. Desde o primeiro dia foi feito um grupo no *WhatsApp* para que todos pudessem trocar informações, inclusive os surdos. Uma curiosidade do grupo é que diferentemente dos outros grupos não era permitido enviar áudios, pois iria contra a proposta do projeto, que seria de inclusão. E, como sabemos, os surdos não poderiam escutar os áudios de voz enviados por outras pessoas.

O terceiro dia do projeto (dia 29 de outubro) foi iniciado com 15 minutos de atraso, pois a sala ainda estava bem vazia, muitas pessoas não haviam chegado. Para iniciar, duas alunas surdas retomaram o que foi apresentado no segundo dia de encontro, sendo o “alfabeto manual” e os “sinais de família”. As alunas que ensinaram foram a Maria, aluna da escola, e a Sara que não era aluna da escola, mas o pai conhecia o intérprete Valdecir e o mesmo o chamou para assistir as aulas e acompanhar a filha Sara.

Logo que as meninas começaram a ensinar, era nítido que cada uma tinha uma forma diferente de soletrar as letras. Em alguns momentos a forma de sinalizar muda um pouco e acaba confundindo as pessoas que não conhecem o alfabeto em Libras. Algumas letras são parecidas, e, à medida que elas sinalizavam, o intérprete Valdecir explicava, por exemplo, as letras P, K e H possuem a mesma configuração de mão. Ao fazermos a letra P a mão fica parada, a letra K o movimento com a mão é para cima; já para fazer a letra H temos que fazer um movimento circular. Outras letras também possuem a mesma configuração de mão e foram citadas pelo Valdecir, sendo elas: Q e G; F e T; A e S (Figura 04).



Figura 04 – Alfabeto entregue pelo intérprete Valdecir com as devidas configurações de mão. **Fonte:** Intérprete Valdecir, em 08/10/2016.

No segundo momento da aula, foram revisados os sinais de família. Quem ensinou foi a Sara. Foram passadas no *datashow* as imagens de cada palavra sinalizada, por exemplo, para sinalizar a palavra, além de estar escrita a palavra também havia uma imagem. A Sara via a imagem, lia a palavra e sinalizava para a turma. Uma observação interessante feita por outros intérpretes que estavam na aula foi que eles identificaram pequenas diferenças nos sinais da Sara, e isso foi esclarecido quando ela falou que aprendeu dessa forma no estado em que morava (Rio Grande do Sul). Mais uma vez o intérprete Valdecir falou que os sinais podem variar em diferentes regiões dentro do próprio país, do próprio estado, e até mesmo do próprio município.

Após a revisão, os alunos tiveram que ver as imagens e as palavras no *datashow* e sinaliza-las sem ajuda dos surdos ou dos intérpretes. Percebi que muitos erravam os sinais, inclusive eu, pois, realmente não é fácil. São muitos detalhes, cada sinal diferente do outro. É uma língua que assim como as outras requer muita dedicação e prática para se aprender de fato.

Outro momento da aula foi a interpretação de músicas, mais uma vez o intérprete lembrou que a música para os surdos é visual e sentida por meio das vibrações. As músicas em Libras foram interpretadas por todos os alunos. O intérprete Valdecir sinalizava pequenos trechos e os alunos repetiam os sinais. Por fim, a música era tocada por completa e todos reproduziam os sinais formando um coral em Libras.

A aula veio ao fim com um lanche, um grupo de pessoas ficaram responsáveis por doar o lanche para o projeto. Conversei com algumas pessoas para procurar saber e me disseram que o Valdecir conseguia apoio de padarias que doavam o pão e outras pessoas doavam materiais para fazer molho para cachorro-quente, refrigerantes e suco. No momento em que as pessoas estavam lanchando era nítida a separação dos grupos, os surdos conversavam entre eles, enquanto os ouvintes se espalhavam em pequenos grupos conversando também. Enquanto o projeto Incluir Libras acontecia aos sábados, na escola em horário regular do turno matutino estavam sendo desenvolvidos pela equipe pedagógica e pelos professores os preparativos para a Mostra Cultural intitulada “Diversidade e Inclusão: as várias faces da socialização na contemporaneidade”, cujo nome foi dado pela professora da disciplina de Arte da escola. E no dia 03 de novembro a professora Edilene foi convidada para palestrar sobre a história dos surdos para a turma 1M2.

Na mostra cultural, cada turma ficaria com uma temática para ser abordada, entre as temáticas estava a “Deficiência auditiva”, logo que soube da proposta a professora de Química se prontificou para ficar com um grupo de alunos da turma 3M1, pois ela já havia comentado sobre o interesse de produzir uma cartilha em Libras com alguns elementos químicos. Porém, a turma também já havia sido escolhida pela professora de Sociologia para trabalhar com o tema “Diversidade de Gênero” e a turma acabou sendo dividida para abordar os dois temas.

Mas, como uma única turma ficou com duas temáticas, faltaria um tema para uma turma, pois foram feitos nove temas correspondentes ao número de turmas da escola no turno matutino. Então a professora de Arte decidiu trabalhar o mesmo tema sobre deficiência auditiva com o 1M2. Foi então que se teve a iniciativa de convidar a professora Edilene Gutierrez Rodrigues da UFES, do departamento de Educação, para dar uma palestra sobre a Libras para os alunos.

No momento que a professora Edilene chegou eu estava na sala dos professores, ainda não havia escutado nada sobre a palestra, pegou todos de surpresa. Mas, logo me prontifiquei em participar. A palestra aconteceu na terceira aula em uma sala do último andar da escola. Os alunos surdos também foram convidados a participar, mas só o Paulo pode estar presente, pois a Maria estava passando mal e não foi na escola, enquanto Brenda e Pedro estavam fazendo atividade para nota de outra disciplina.

Os intérpretes Leandro e Lucas participaram da palestra. O Leandro iniciou contando um pouco da história dos surdos, e explicou um pouco sobre cada aluno surdo da escola. Disse que eles recebiam as informações atrasadas e isso dificultava as relações do cotidiano, ele também informou os graus de surdez, sendo a surdez leve, mediana e profunda. Todos os alunos

surdos da escola possuíam surdez profunda, ou seja, precisavam se comunicar por meio da Libras.

Ao começar sua fala, a professora Edilene disse que gostava de ser chamada de Nalva, e iniciou falando sobre a dificuldade que a pessoa surda tem em viver em mundo que é auditivo. Ela relatou sobre a disciplina Fundamentos da Língua de Sinais que ministrava na UFES e como ela era elaborada na graduação e deixou claro que a disciplina não garante que o aluno saia aprendendo falar em Libras, mas sim conheça sobre a Língua; ela deixou claro também que para a pessoa aprender falar em Libras é fundamental que esteja em contato com um surdo para praticar sempre que possível.

Dando continuidade à palestra, a professora fez o seguinte questionamento para os alunos: “um surdo pode ser professor? ”; ela ainda questionou: “Porque não? ”. Segundo ela, o professor surdo daria aula em Libras, e, na UFES, os professores surdos e ouvintes dão aula para o curso de Libras. Nas palavras dela, a Língua de Sinais e a surdez não limitam o aprendizado, o que limitaria são as condições estabelecidas.

Aparentemente os alunos estavam bem empolgados com a palestra, estavam atentos e levantavam questionamentos, dentre os quais ela iniciou a discussão sobre a história da educação dos surdos com o objetivo de introduzir a temática aos alunos. De forma dinâmica a palestrante Nalva contou a seguinte história:

O objetivo da educação dos surdos sempre foi de “normalizar” o surdo. Na surdez não existe medida para alterar o quadro clínico, os aparelhos são paliativos. Então os educadores buscaram na oralização “normalizar” os surdos dentro da sociedade. O termo mudo-surdo veio desse contexto histórico. A criança surda chora, grita, ronca, faz barulho. Porém, no período de 1 ano de idade quando a criança deveria iniciar a fala e isso não acontece, os pais recusam a verdade e o acompanhamento é tardio.

Na Idade Média a surdez era ligada ao pecado, ao castigo e a punição. Um tempo depois quando começ[aram] a surgir as pesquisas, os aparelhos começaram a ser utilizados. No contexto da época o surdo vivia excluído, ninguém sabia que os gestos realizados eram sinais, ninguém sabia que era uma língua própria.

A grande questão dos surdos hoje é a língua de sinais e a oralização.

O professor Abade Charles Michel de L’Epée criou a primeira escola para ensinar os gestos que ainda não eram tidos como língua. Mas também havia escolas específicas para oralização. No Brasil a primeira escola para surdos foi a INES, Instituto Nacional de Educação de Surdos, durante 100 anos essa foi a única escola no Brasil, localizada no Rio de Janeiro para ensinar os surdos.

Como era a única escola, os surdos do Brasil viviam nessa escola por meses sem ver os familiares.

[...] Porque a língua de sinais era considerada uma língua de macacos? Porque os professores davam uma banana para o surdo se ele errasse a oralização. Se a pessoa não fala, ela não tem oralização, a pessoa não tem língua, não tem

nada. (Fala da professora Nalva sobre a história da educação dos surdos. 03 de novembro de 2016)

A palestrante Nalva encerrou a sua fala, pois o sinal do recreio tocou e os alunos foram merendar. Após o recreio, a professora Islene de Arte agradeceu a palestrante e iniciou um jogo com os alunos (Figura 05). O jogo tinha por objetivo estimular os alunos a lembrarem os sinais das palavras utilizadas dentro da escola para alcançarem o final da partida. Para iniciar, duas equipes foram montadas, uma pessoa de cada equipe iria caminhar por todo o trajeto do tabuleiro e jogar o dado que iria definir o número de casas para a pessoa andar, as outras duas pessoas de cada equipe ficariam responsáveis por ajudar o principal jogador quando fosse necessário, poderia dar dicas ou até mesmo sinalizar a palavra. E sempre havia o jogador curinga, que sinalizaria a palavra quando ninguém mais soubesse, esse jogador era um aluno surdo da escola.

Na primeira partida, o aluno Paulo era o curinga, responsável por ajudar os grupos em apenas 1 rodada, ou seja, se o grupo pedisse ajuda do curinga no início da partida, durante todo o restante do jogo, não poderia pedir mais. Ao todo, a professora Islene enumerou 42 palavras. Me recordo de algumas principais utilizadas no ambiente escolar: professor, coordenador, diretor, bom dia, boa tarde, boa noite, lápis, caderno, livro, borracha, apontador, etc.



Figura 05 - Jogo de Libras. Fonte: própria pesquisadora, em 03/11/2016.

Os alunos interagiram o tempo todo com os colegas que estavam jogando, uma regra clara é que não poderiam falar, aliás, poderiam falar apenas em Libras.

No quarto dia do projeto a aula teve início com a revisão do alfabeto manual. Após revisar o alfabeto, o intérprete ensinou os sinais dos números, explicou que os sinais dos números ordinais são diferentes dos números para definir quantidade. Muitos alunos não compareceram o projeto, pois neste dia foi aplicado o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e muitos foram realizar a prova.

Continuando a aula, foi feita a revisão dos sinais de família e as cores com a Maria. Todos estavam muito atentos, inclusive a professora de Arte que compareceu com o jogo que criou para a Mostra Cultural. As pessoas ficaram admiradas, pois à medida que iam chegando encontravam no meio da sala o tabuleiro no chão com um dado bem grande (o mesmo jogo realizado na turma 1M2).

O envolvimento foi muito grande, após revisar todos os sinais com a Maria, a professora explicou toda a metodologia do jogo. Os sinais escolhidos para o jogo iniciar foram os sinais revisados na aula de família e cores. Mesmo com um número grande de alunos que foram fazer a prova do ENEM, muitos alunos compareceram, e gostaram bastante do jogo. Neste dia teve aproximadamente umas 6 rodadas, inclusive, fui convidada a participar. A experiência foi muito boa, realmente o jogo nos forçou a memorizar o sinal para não errar na frente de todos, pois se errar a palavra de determinada rodada que cair por meio do dado, tinha-se que esperar sem jogar até que o grupo ajudasse ou a pessoa curinga sinalizasse a palavra.

A aula foi encerrada com um lanche como de costume, e com a foto do grupo, pois em todas as aulas o intérprete fazia questão de registrar os alunos presentes com várias fotos. Praticamente um ritual de encerramento.

A Mostra cultural “Diversidade e Inclusão: as várias faces da socialização na contemporaneidade” foi realizada no dia 11 de novembro, e esteve marcada com apresentações de várias temáticas relacionadas à diversidade e à inclusão. A deficiência auditiva foi uma delas.

Cada turma da escola ficou com uma temática específica e cada professor assumiu além da temática uma turma para auxiliar. No dia da Mostra, as turmas deveriam apresentar propostas diferentes, e deveriam ornamentar as salas da forma que achassem melhor, de acordo com a temática. Cada turma teria um tempo específico para visitar as demais turmas e conhecer os temas abordados.

A professora de Sociologia ficou com o tema Diversidade de Gênero com a turma 3M1, acompanhei todo o processo, auxiliando os alunos com o que era preciso. A turma que ficou com a temática da surdez foi a turma 1M2, nessa turma não tinha nenhum aluno surdo, porém a professora de Arte (responsável por essa turma) se prontificou a trabalhar a temática e convidou o intérprete Leandro para ajudar e incluir a Maria.

A professora de Arte criou um jogo (o mesmo utilizado na palestra da professora Nalva). Os alunos ficaram responsáveis de explicar toda a metodologia do jogo para os demais alunos da escola que visitaram a sala deles.

Alguns alunos da turma 3M1 não participaram da temática Diversidade de Gênero com a professora de Sociologia, pois outra temática foi trabalhada na turma com a professora de Química, a proposta dela seria de criar uma cartilha com alguns sinais de química utilizados em sala de aula. A proposta foi muito interessante, pude visitar a turma e conhecer alguns sinais da disciplina de química (Figura 06). Os alunos estavam motivados, principalmente, a Brenda e o Pedro que explicaram para todos como foi feita a cartilha.



Figura 06 – Aprendendo os sinais de Libras. **Fonte:** Intérprete Valdecir, em:11/11/2016.

No quinto dia do projeto, dia 12 de novembro a aula teve início às 9 horas e 24 minutos. O aluno João que era surdo foi o responsável por ensinar os sinais dos animais. Toda a turma participou sinalizando e perguntando ao intérprete Valdecir a diferença de cada sinal: alguns sinais são parecidos com as características dos animais, por exemplo, o sinal do elefante e o sinal do urso. O sinal do elefante é feito na região do rosto como se fosse a tromba do elefante, e o sinal do urso é feito na cabeça, com as mãos são feitas duas orelhas.

Muitos surdos compareceram na aula, aproximadamente uns 10, em alguns momentos eles entravam em contradição em relação aos sinais, por exemplo, o sinal de esquilo, o João não lembrava, e outros dois surdos sinalizaram de formas diferentes. Minutos depois, o professor de matemática, Ricardo, que também era surdo, mostrou a forma correta de sinalizar,

o sinal do esquilo é feito destacando a região do rabo, por ser uma das partes que mais chama atenção no animal. Segundo o intérprete Valdecir:

Os surdos constroem os sinais com base nas características das coisas, eles observam a imagem de determinado objeto, animal, coisa, pessoa, etc., e sinaliza[m] de acordo com a característica que mais chama atenção. Porém, para definir os sinais é necessário que uma equipe formada por surdos esteja de acordo, os sinais podem ser criados momentaneamente por um surdo em determinada circunstância, mas para ser um sinal padronizado deve passar pelas formalidades. (Explicação do intérprete Valdecir sobre os sinais que são atribuídos as coisas.12 de novembro de 2016)

Assim que o João terminou de ensinar os sinais dos animais, o Valdecir apresentou a professora Nilza de Faria que é Especialista em Educação de Surdos, autora do livro “Libras e o sabor dos sinais capixabas”, a professora foi convidada para falar sobre o livro que fez em parceria com outras duas autoras. Ela iniciou apresentando, e relatou que antes de escolher trabalhar com Libras teve salão de beleza e fez vários cursos de dança, em ambos os casos ela começou a ensinar as outras pessoas, então relatou que passou a ter certeza de que gostaria de ser professora.

Ela trabalhou durante seis anos na escola “UMEF Professora Nice de Paula Agostini Sobrinho” e também na escola “UMEF Professor Naly da Encarnação Miranda”, também conhecida como CAIC, localizada no município da Serra. Naquele momento, ela trabalhava como Assessora de Educação Especial na Prefeitura da Serra.

Após sua apresentação, a autora Nil (ela disse preferir ser chamada dessa forma) começou a falar da Libras e dos gestos. Ela relatou que depois de 2002 que foi dado o nome de Língua de Sinais. Segundo a professora, em nosso Estado há 18 anos a Igreja Batista do município de Vitória era referência no ensino, e as igrejas recebiam com mais facilidade os surdos e buscavam ensinar. Além disso, segundo a professora, a Libras seria a segunda língua oficial do país registrada. Porém, em outras regiões do Brasil existem outras línguas, ela citou que na Amazônia uma tribo indígena tem uma língua de sinais específica, mas ainda não foi registrada.

Em relação ao livro “Libras e o sabor dos sinais capixabas”, a princípio a equipe pensou em fazer uma apostila, mas depois de dois anos de pesquisa decidiram fazer o livro. Alunos da escola UMEF Professora Nice de Paula Agostini Sobrinho e alunos da UFES participaram da

elaboração do material. A equipe realizou viagens pelo interior do Espírito Santo para buscar as origens das palavras.

Após expor a origem do livro, a professora utilizou o conceito da palavra língua segundo o dicionário e as semelhanças e diferenças com a Libras e o português. Sendo elas:

Quadros 1 e 2. Semelhanças e diferenças da Libras e do Português

SEMELHANÇAS	
LIBRAS	LÍNGUA PORTUGUESA
Prática aos dois anos de idade	
Formal e informal	
Forma escrita	
Construção gramatical	
Significado e significante	
Os sinais e as palavras mudam	

DIFERENÇAS	
LIBRAS	LÍNGUA PORTUGUESA
Visual espacial (sinais)	Oral e auditiva (palavra escrita e falada)
Baseada na experiência visual	Baseada nos sons
Foco com repetições sistemáticas	Não é usado
Não há marcação de gênero	Gênero é marcado
Expressões faciais	Não são consideradas relevantes

Fonte: Reproduzido a partir do slide de Nilza de Faria, em: 12/11/2016.

Elaboração: de Nilza de Faria.

Ela ainda relatou que “é comum os ouvintes pressuporem que as línguas de sinais sejam versões sinalizadas das línguas orais. No entanto, as línguas de sinais são autônomas não derivando das orais e pressupondo peculiaridades que as distinguem uma das outras, e como também das línguas orais ” (Nilza de Faria, 12 de novembro).

Para formar o sinal, ela explicou que os surdos identificam o que é predominante em cada coisa para dar forma ao sinal. Em relação aos nomes e lugares do Espírito Santo, nos lugares que não tem sinais é feita a datilologia até ser realizada uma pesquisa com os surdos e uma equipe empenhada em pesquisar a Libras e identificar o sinal daquele local. Porém, aquele local só irá receber um sinal se na região morar algum surdo que dê o sinal para o mesmo.

Por fim, a professora finalizou a com uma brincadeira, ela mostrou nos slides algumas imagens de pontos turísticos do Estado e pediu para os alunos identificarem o nome daquele local.

O sexto dia do projeto foi em 19 de novembro, neste dia, o intérprete Valdecir não pode comparecer e pediu para que eu coordenasse a aula. Durante a semana ele me explicou como seria, convidou o intérprete Oseias para dar uma palestra sobre a cultura surda. E os dois alunos do terceiro (Brenda e Pedro) para ensinar os sinais de cumprimentos.

A aula teve início às 9 horas e 15 minutos, expliquei o motivo da ausência do Valdecir e logo após Brenda e Pedro iniciaram ensinando os cumprimentos básicos: “bom dia, boa tarde, boa noite, olá, oi, tudo bem?”, etc. Eles ensinaram os sinais e repetiram três vezes para todos os alunos aprenderem. Fizeram a revisão dos sinais dos animais, que foi o conteúdo ensinado na aula anterior.

Logo após, o intérprete Isac deu continuidade à aula explicando sobre a cultura surda, como não havia outro intérprete no local, ele teve que explicar oralmente e fazer a interpretação em Libras para os surdos. Percebi o quanto é difícil falar a Língua Portuguesa e falar em Libras ao mesmo tempo. Em alguns momentos ele se esquecia de sinalizar e os surdos reclamavam com ele, pois não estavam acompanhando o que ele estaria falando.

Muitas pessoas ficaram interessadas com a palestra do intérprete, fizeram muitas perguntas, ele explicou que a cultura surda se inicia desde os primeiros anos de vida da criança, principalmente, no momento em que os pais descobrem a surdez da criança e percebem que a criança se comunica com gestos. Ele relatou as dificuldades e a falta de inclusão na sociedade para a pessoa surda. Inclusive, estavam presentes pela primeira vez no projeto uma aluna surda com sua mãe. A mãe explicou todo o processo de aprendizado da filha com a Libras.

No final da aula, distribuimos algumas folhas de papel para cada aluno escrever uma cartinha, pois o intérprete Valdecir todos os anos organiza uma grande festa para os alunos do projeto, e nesta festa ele entrega presentes para os membros, principalmente, para os surdos e para as crianças. Por isso, cada aluno escreveu uma cartinha relatando o que gostaria de ganhar. A maioria gostou da ideia, os que não quiserem escrever a cartinha se ofereceram para dar um

presente para a pessoa, ou seja, iria levar a cartinha para casa e presentear com o que o responsável pela cartinha havia pedido.

O oitavo dia do projeto foi realizado no dia três de dezembro, a aula teve início às 9 horas e 20 minutos. A aluna Andreia, que é surda, foi convidada para fazer a revisão de animais e frutas com a turma. Poucos alunos estavam presentes, mas aos poucos outros foram chegando e enchendo a sala. O interessante é que a mãe da Andreia foi quem relatou na aula do dia 19 de novembro sobre o processo de aprendizado da filha com a Libras, desde que começaram a participar das aulas no ano de 2016, a mãe acompanhou a filha em todas as aulas.

Durante a aula, Andreia explicou que os sinais dos animais eram realizados de acordo com as suas características, da mesma forma que foi explicado na aula do dia 12 de novembro pelo aluno João. Busquei registrar algumas imagens para ficar mais fácil de compreender como são essas características. O sinal de girafa, por exemplo, é realizado destacando o tamanho do pescoço, da mesma forma o de avestruz, porém, a configuração de mãos e o ponto de articulação utilizados são diferentes, como podemos perceber nas imagens a seguir (figura 07 e 08).

Na primeira figura, Andreia fez o sinal da girafa a partir do próprio pescoço, fazendo um movimento de baixo para cima. Já na segunda imagem, ela utilizou os dois braços, um para fazer o sinal do pescoço e com a mão faz o bico da avestruz, a outra mão serviu de apoio. Mais uma vez, foi interessante observar que a maioria dos sinais são realizados ressaltando o que mais se destaca de cada animal. Da mesma forma quando um surdo dá um sinal para outra pessoa, eles buscam o que é particular de cada um, ou seja, o que chama mais atenção.



Figura 07– Sinal de girafa. **Fonte:** própria pesquisadora, em: 03/12/2016.



Figura 08 – Sinal de Avestruz. **Fonte:** Própria pesquisadora, em: 03/12/2016.

O intérprete Valdecir acompanhava os questionamentos dos alunos e tirava as dúvidas, sempre que necessário. A Andreia foi oralizada por sua família desde pequena, por isso ela fala normalmente, faz leitura labial e conversa com os ouvintes sem precisar se comunicar apenas em Libras. O aluno Paulo do segundo ano também fala bastante por ter sido oralizado, porém, não se utiliza dessa capacidade de modo tão frequente quando a Andreia.

Para encerrar a aula, ensaiamos algumas músicas para apresentar no encerramento do projeto que aconteceria no dia 17 de dezembro. Durante a semana na escola, o intérprete Valdecir pediu algumas doações para os professores e funcionários da escola, pois iria realizar uma grande festa de encerramento, com comidas e presentes para os alunos do projeto. O interessante é que muitas pessoas se disponibilizaram para ajudar, até mesmo alguns surdos pegaram cartinhas de outros alunos para presentear-los.

No dia 10 de dezembro, o nono dia do projeto teve início às 9 horas e 30 minutos, o prédio estava recebendo duas programações neste dia, pois a escola estava repondo um dia letivo, pois há mais ou menos um mês antes, no período das ocupações⁸, os alunos fizeram algumas manifestações e se recusaram a entrar na escola para estudar, e, por isso, segundo a

⁸ As ocupações estudantis ocorreram no ano de 2016 devido a situação de calamidade da educação pública no país. Inspirados pelos secundaristas do Paraná, que enfrentavam o governo golpista, estudantes do país inteiro fizeram o maior movimento de ocupações da história do país. De norte a sul, mais de mil universidades, Institutos Federais e escolas se rebelavam contra a PEC 241/55, contra a Reforma do Ensino Médio e contra o Escola Sem Partido. (Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Retrospectiva-2016-As-ocupacoes-estudantis-que-sacudiram-o-Brasil>)

diretora era necessário repor o dia. No térreo da escola estava acontecendo aula de Libras com o intérprete Leandro, a sala estava vazia, apenas uns 3 alunos da escola estavam presentes e 5 professores. Muitos professores estavam na sala dos professores. Concomitantemente com a reposição, o projeto estava acontecendo no primeiro andar como de costume. Aos poucos os alunos foram chegando e acompanhando a aula do projeto.

A responsável por revisar alguns sinais foi a Maria, mas para isso o Valdecir pediu para a turma sugerir os temas para revisão. Alguns alunos sugeriram animais, números, verbos, cumprimentos. Então a Maria iniciou com os animais, e, a pedido do Valdecir, fiquei passando as imagens nos slides para a turma. Após revisar os animais, fomos para os numerais e verbos. Aos poucos os alunos foram chegando e os surdos orientando a revisão. Como os sinais não são universais, os próprios surdos sinalizam diferentemente, o que para os ouvintes é difícil assimilar, pois é preciso ficar atento com o contexto da frase ou da conversa para entender os sinais.

Após as explicações, foram passados avisos sobre o encerramento do projeto, também foram ensaiadas as músicas para serem apresentadas no dia 17, as músicas ensaiadas foram: Balão Mágico, Tempo de Alegria, Raridade e Let It Go, do filme Frozen. O encerramento do projeto do ano de 2016 aconteceu no dia 17 de dezembro com o horário marcado para iniciar às 9 horas na quadra da escola. Algumas pessoas chegaram por volta das 7 horas e 30 minutos para auxiliar na decoração do espaço. No local já havia voluntários que conheci no local ajudando o Valdecir, a irmã dele e outras colaboradoras do projeto que o acompanhavam desde o início. Assim que cheguei já comecei a limpar as mesas, encher os balões, colocar os presentes no lugar. O interessante era que, à medida em que as pessoas foram chegando, elas também se prontificaram a ajudar.

No dia 16 caiu uma forte chuva que molhou a quadra, o painel que já estava no local acabou se desfazendo. Foi então que de forma improvisada elaboramos outro painel com o que restou do primeiro (Figura 09). Aos poucos as pessoas foram chegando, alunos ouvintes, surdos, pais dos alunos surdos e representantes que foram acompanhando, algumas pessoas que não participaram das aulas do projeto também marcaram presença. Porém, poucas pessoas chegaram até às 9 horas.



Figura 09 - Preparativos para o encerramento do Projeto Incluir libras.
Fonte: própria pesquisadora, em: 17/12/2016.

A programação de fato teve início às 10 horas, o atraso foi grande, muitas pessoas reclamaram, mas conseguimos seguir com toda a programação: o “boas vindas” foi realizado pela diretora da escola; logo após o coral só com os alunos surdos com a música Let It Go; sorteio de 10 panetones; palestra: a inclusão do aluno surdo no contexto escolar realizada pelo intérprete Isac; coral com todos os alunos do projeto da música Raridade; sorteio de mais 10 panetones; coral com todos os alunos do projeto da música Balão Mágico; lanche para todos. Após o lanche retornamos com a última apresentação do coral da música Tempo de Alegria; agradecimentos e homenagens aos responsáveis pelo projeto e por fim, a entrega dos presentes.

Durante a apresentação, pude filmar e registrar todos os momentos do encerramento. Muitos surdos compareceram, os intérpretes que estavam no local se revezavam para interpretar para os surdos e para os ouvintes, sinalizavam para os surdos quando o ouvinte falava e falava para os ouvintes quando o surdo falava por meio da Libras.

A primeira apresentação do coral foi realizada apenas pelos surdos, alguns não participaram durante todo o projeto, mas esteve presente em pelo menos uma aula, os cinco alunos da escola estavam presentes, Brenda e Maria, Pedro, Paulo e Wiliam que estava estudando à noite. As apresentações aconteceram da seguinte forma, o Valdecir fazia os sinais para eles repetirem, apesar de não escutarem seguiam os sinais que o intérprete fazia, afinal é dessa forma que eles têm contato com a música, e com as vibrações que sentem. O interessante foi observar a forma como eles faziam os sinais, se compararmos com os ouvintes, por ser a

língua própria deles, faziam com mais expressões, de acordo com a interpretação do intérprete e acabam demonstrando o que sentiam (Figura 10).



Figura 10 - Apresentação da música Let It Go pelos alunos surdos do projeto. **Fonte:** Própria pesquisadora, em: 17/12/2016.

Antes das demais apresentações, o intérprete Isac deu uma palestra sobre a inclusão do aluno surdo na escola, porém, o aparelho de som não estava bom. Muitas pessoas não conseguiram escutar o que ele falava. Observei que os surdos ficaram mais inteirados do que estava sendo dito, pois o Valdecir e Jessica revessavam para interpretar para eles. Do pouco que escutei, o Isac contou algumas experiências que ele teve trabalhando como intérprete nas escolas, falou um pouco das dificuldades que os alunos surdos passam no cotidiano escolar.

As demais apresentações contaram com a participação de todos os alunos do projeto (figura 11) que pareciam um pouco intimidados na frente das pessoas que assistiam, mas logo foram se soltando. Ao todo foram 3 músicas apresentadas pelos membros do projeto, eu não pude participar do coral, pois estava filmando e registrando as fotos. Mas foi bom estar registrando os momentos para poder perceber melhor as expressões e a empolgação dos alunos.



Figura 11 - Alunos do projeto reunidos após apresentação das músicas.
Fonte: Própria pesquisadora, em: 17/12/2016.

Para passar as músicas selecionadas, um aluno da escola estava no som, e, enquanto as atrações estavam acontecendo, algumas pessoas estavam na cozinha providenciando o lanche para todos. O que ocorreu durante todas as aulas, pois sempre havia um grupo destinado a preparar o lanche. E era na hora do lanche que as pessoas conversavam bastante, principalmente os surdos, muitos ouvintes ficavam perto deles para tentar se comunicar com eles, inclusive eu que arriscava algumas frases e trocar algumas informações.

No encerramento do projeto não foi diferente, apesar dos surdos ficarem em seus grupos, além dos intérpretes e profissionais da Libras que se aproximavam deles, muitos ouvintes ficavam perto buscando aprender, inclusive os alunos da escola.

Em relação a integração dos alunos surdos com os ouvintes, durante a vivência no cotidiano escolar e durante o projeto, percebi que no projeto os alunos surdos tinham maior convivência com os ouvintes, pois de fato os ouvintes estavam interessados pela comunicação em Libras, ou seja, as relações aconteciam com maior fluidez, as aproximações aconteciam de forma espontânea, pois aquele era um espaço destinado não somente para o aprendizado, mas também para a aproximação de pessoas que buscavam o mesmo objetivo: a comunicação.

É interessante analisarmos que no dia-a-dia da sala de aula, os surdos se comunicavam mais com os seus intérpretes, havia comunicação entre os alunos surdos e ouvintes, porém de forma limitada. Diferentemente das aulas no projeto, em que os surdos também eram responsáveis pelas aulas, tinham o papel de ensinar, e se os ouvintes tivessem dúvidas, a comunicação em libras era essencial para que ambas as partes conseguissem estabelecer uma comunicação. Durante o projeto foi possível recolher alguns relatos que correspondem ao

desejo pela comunicação entre surdos e ouvintes, a partir da pergunta feita pelo intérprete Valdecir “qual o seu objetivo em fazer o projeto?” na ficha de inscrição do projeto, alguns alunos responderam:

“Aprender novos conhecimentos e interagir com meus colegas de escola que são surdos” (Alex, ouvinte – aluno da escola).

“Poder me comunicar com os surdos. Em um mundo globalizado, precisamos nos entender cada vez mais” (Maria, ouvinte – colaboradora do projeto).

“Para me comunicar com alunos da escola que trabalho” (Joelma, ouvinte – vigilante da escola)

“Porque eu quero aprender pra o desenvolvimento em conversar com as pessoas” (Maria, surda – aluna da escola).

“Para aprender a falar com a minha filha” (Gilmar, ouvinte – pai de aluna surda do projeto).

“Aprender a linguagem de Libras para ter boa comunicação com os surdos e com quem escuta, para não haver um tipo de exclusão com os surdos” (Luan, ouvinte, aluno da escola).

“O projeto pretende contribuir, importante o contato ouvinte e surdos aprende Libras, conversar devagar alfabeto manual é simples. Desenvolvimento futuro melhor saber de Libras, não precisar vergonha ouvintes, precisar coragem chamar surdos “oi” conversar é simples” (Gilberto, surdo – professor de Libras).

A partir dos relatos descritos pelos participantes do projeto, podemos perceber a importância da comunicação e poder se comunicar entre si independente das limitações é importante para manterem as relações, e o projeto incluir Libras foi um meio para que isso fosse possível.

Para encerrar o evento foi realizado um agradecimento a todas as pessoas presentes e que ajudaram o projeto acontecer. Foi feita a entrega dos presentes para os alunos do projeto e outras crianças que estavam presentes. A maioria dos surdos recebeu os presentes, alguns preferiram presentear os colegas. Aos poucos as pessoas foram saindo e o grupo que ajudou a arrumar o local também fez a limpeza.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um espaço de inúmeras diferenças, a inserção em campo foi fundamental para que importantes fatores fossem observados, tendo em vista o contexto de diversidades que o ambiente escolar apresenta. No caso dos surdos, viver em um mundo oralizado, em que sua cultura é vivenciada apenas pelos próprios surdos, é algo inquietante. O contato direto e intenso em campo com meus interlocutores de pesquisa, me fez perceber inúmeras relações que acabam passando despercebidas no cotidiano escolar, entre elas a invisibilidade do aluno surdo e do intérprete da língua de sinais.

Tendo observado as técnicas utilizadas para a comunicação por meio dos sinais, podemos retomar ao sentido que cada técnica, que cada sinal tem para diferentes regiões e no processo de aprendizagem, não somente em sala de aula, mas também em outros espaços de vivência cotidiana do aluno surdo, em que o aprendizado é diário e se faz necessário, e, em muitos casos, pode estar ligado a técnicas de imitação, uma vez que os sinais são introjetados e reproduzidos, segundo Mauss:

[...] A noção de educação podia sobrepor-se à de imitação. Pois há crianças, em particular, que têm faculdades de imitação muito grandes, outras muito pequenas, mas todas se submetem à mesma educação, de modo que podemos compreender a seqüência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social [...] (MAUSS, 2003, p. 405).

É interessante pensarmos no processo de assimilação dos movimentos citado por Mauss, em que é necessário não somente imitar os sinais, mas também assimilá-los. Uma vez que a língua de sinais requer memorização e contextualização do que deseja ser sinalizado. No trecho em que ele relata que, em algumas crianças, ocorre uma imitação prestigiosa, é importante ressaltarmos que, para a criança que nasce surda, o aprendizado da língua de sinais se torna mais fácil, pois já faz parte da sua comunicação desde o nascimento.

Já para crianças ou adultos que perderam a audição por inúmeros fatores ao longo da vida, se torna mais difícil o aprendizado (essas pessoas não deixam de aprender), porém se torna mais difícil. Como foi o caso da aluna Brenda do terceiro ano, ela perdeu a audição e relatou

em entrevista que para ela o processo de aprendizado da Libras foi um pouco mais demorado, um pouco mais difícil, segundo a Brenda, “no começo tive muita dificuldade, mas depois tive contato com outros surdos e acabou acostumando a aprendendo a falar em Libras” (02 de dezembro de 2016).

No caso do Pedro que já nasceu surdo, o aprendizado foi mais fácil, pois já fazia parte de sua cultura, desde o seu nascimento, ele relatou “nasci surdo, minha mãe ficou doente na gravidez de 8 pra 9 meses mais ou menos, ficou manchado o corpo (sarampo), teve muita dor de cabeça e eu acabei nascendo surdo, perdendo a audição. E tive problema na visão também, estrabismo” (02 de dezembro de 2016). E quando eu perguntei como era a relação dele com a língua de sinais, ele disse “normal pra mim, porque já nasci surdo” (02 de dezembro de 2016).

Retomando a relação da técnica com a comunicação por meio da língua de sinais, o corpo é fundamental para a reprodução das técnicas, “[...] o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. [...]” (MAUSS, 2003, p. 407). Dessa forma, o processo de ressignificação das palavras por meio dos sinais é reproduzido pelo objeto técnico que nos pertence desde sempre, o corpo, é ele que irá reproduzir a comunicação, dando sentido à língua de sinais.

Segundo Ingold, o processo cognitivo da aprendizagem dos seres humanos evolui de acordo com a adaptação humana às condições do ambiente em que ele vive, ele ainda nos diz que em certo sentido a “arquitetura da mente do indivíduo é o resultado de cópia; está cópia, no entanto, não é uma transcrição automática de dispositivos cognitivos (ou instruções para construí-los) de uma cabeça para outra, mas sim uma questão de *seguir*, nas ações individuais, aquilo que as outras pessoas fazem” (INGOLD, 2010, p. 15).

Dessa forma, é por meio da cópia que as bases neurológicas do indivíduo se estabelecem, e dão sentido à comunicação, no nosso caso a comunicação por meio da língua de sinais. Assim como a língua oral, a língua de sinais também é construída e recebe sentido por meio dos nossos mecanismos cognitivos, tanto da pessoa surda quanto para a pessoa ouvinte que irá aprender a língua de sinais para se comunicar com os surdos.

É importante retomarmos a cultura própria pertencente à comunidade surda que está ligada diretamente à linguagem visual (linguagem de sinais), ou seja, à linguagem não oral. O fato de ter uma linguagem específica, faz com que os surdos assumam a sua identidade e tenham orgulho de se comunicar por meio da Libras (Valdecir, 02 de dezembro de 2016). Valorizar a cultura da comunidade surda, portanto, faz com que a língua de sinais seja valorizada e respeitada pelos próprios surdos e pelos ouvintes.

A dimensão cultural, além de fazer parte da identidade dos alunos surdos, está relacionada ao sentido, ou seja, ao significado atribuído pelos próprios surdos, sendo “capaz de comunicar suas experiências dessa cultura àqueles que compartilham os significados e convenções do seu próprio modo de vida” (WAGNER, 2010, p. 76), pensando na investigação por meio da minha vivência diária na escola, pude compreender melhor o processo cultural ao qual a língua de sinais está inserida na vida dos alunos surdos, segundo Wagner (2010):

Se assumimos que todo ser humano é um "antropólogo", um inventor de cultura, segue-se que todas as pessoas necessitam de um conjunto de convenções compartilhadas de certa forma similar à nossa "Cultura" coletiva para comunicar e compreender suas experiências. E se a invenção é realmente tão básica para a existência humana quanto sugeri, então a comunicação e o conjunto de associações e convenções compartilhadas que permite que a comunicação ocorra são igualmente básicos. Toda expressão dotada de significado, e, portanto, toda experiência e todo entendimento, é uma espécie de invenção, e a invenção requer uma base de comunicação em convenções compartilhadas para que faça sentido – isto é, para que possamos referir a outros, e ao mundo de significados que compartilhamos com eles, o que fazemos, dizemos e sentimos. Expressão e comunicação são interdependentes: nenhuma é possível sem a outra (WAGNER, 2010, p. 76).

Nesse sentido, a comunicação por meio da língua de sinais foi uma invenção necessária para a cultura da comunidade surda, tendo total importância para a comunicação dos surdos. Não podemos esquecer que durante muito tempo, os surdos foram inviabilizados, não podiam se comunicar por meio de gestos, sendo que a língua de sinais só ganhou espaço e reconhecimento após anos de militância e resistência da comunidade surda. Assim, durante um longo período podia-se “encontrar a língua de sinais sendo usada separadamente da fala, uso do português sinalizado acompanhando a fala numa prática bimodal, fala acompanhada de sinais retirados da língua de sinais, tentativas de representar todos os aspectos do português falado em sinais etc.” (LACERDA, 1998, s/p). Apenas em 2002, a Língua de Sinais foi reconhecida como forma legal de expressão e comunicação no Brasil.

A cultura dos surdos, portanto, por um longo período histórico não foi reconhecida nem sequer valorizada. A comunicação era difícil, e estabelecemos uma analogia com o antropólogo Roy Wagner, que diz que “a comunicação e a expressão só são possíveis na medida em que as partes envolvidas compartilham e compreendem esses contextos e suas articulações. Se as associações contextuais de um elemento simbólico são compartilhadas, a significância de sua extensão ou "empréstimo" para uso em outros contextos também será compartilhada” (WAGNER, 2010, p. 79). No caso da comunicação por meio da língua de sinais, não é diferente,

a comunicação depende da compreensão do contexto e das articulações por meio dos sinais. E, ainda, nutrindo-nos desse autor, podemos dizer que a cultura surda é uma cultura diferenciante, mas que, aos poucos, muito aos poucos, infelizmente, tem sido mais convencionalizada, no sentido de ser mais coletivizada através das políticas públicas.

Essa invisibilidade dos surdos por muitos anos estava carregada de um estigma, em que os gestos/sinais não eram legitimados, a deficiência recebia uma carga negativa, pois segundo Goffman:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" [...] Baseando-nos nessas pré-concepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso. Caracteristicamente, ignoramos que fizemos tais exigências ou o que elas significam até que surge uma questão efetiva. Essas exigências são preenchidas? É nesse ponto, provavelmente, que percebemos que durante todo o tempo estivemos fazendo algumas afirmativas em relação àquilo que o indivíduo que está à nossa frente deveria ser (GOFFMAN, 1975, p. 5-6).

Portanto, ao vermos um indivíduo “diferente” do padrão social fixado (idealizado) em nossas mentes, estamos contribuindo para o estigma que esse indivíduo carrega. No caso dos surdos, o estigma em torno da língua de sinais aos poucos está sendo quebrado. Ações estão sendo realizadas, porém de forma isolada. O Projeto Incluir Libras foi um exemplo (figura 12), os alunos surdos da escola estadual estudada e vivenciada por mim, no ano de 2016, no município de Vila Velha, ganharam visibilidade, assim como suas famílias que participaram do projeto. Muitos familiares, assim como professores e alunos ouvintes, buscaram no projeto o aprendizado da Libras para poder se comunicar com os alunos surdos.



Figura 12 - Alunos do projeto reunidos após apresentação do professores, familiares, alunos ouvintes e alunos surdos. **Fonte:** Própria pesquisadora. 2016.

A escola além de ser um espaço de aprendizado, também é um espaço de reconhecimento e valorização das diferenças, a todo momento novas culturas são reinventadas e novas diferenças surgem. Reconhece-las é fundamental para a valorização do ser humano. A autora acredita que a comunicação por meio da Libras dá sentido a uma cultura que pertence a um grupo que quer e luta por legitimação e direito de ter voz por meio dos sinais e de todas as suas formas de expressão.

5. REFERÊNCIAS

- BRASIL. Presidência da República – Casa Civil Subchefia para assuntos Jurídicos. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 - Regulamento**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm . Acesso em 01 de mai. 2016.
- BRASIL. Presidência da República – Casa Civil Subchefia para assuntos Jurídicos. Lei nº 10.436. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2015**. Disponível: em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 01 de mai. 2016.
- BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas**. Capítulo IV, O conhecimento pelo corpo (p.157 - 194). Rio de Janeiro: 2001. Tradução de Sergio Miceli.
- FERNANDES, Sueli de Fátima & STROBEL, Karin Lilian. **Aspectos linguísticos da LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.
- GEDIEL, Ana Luisa. **Falar com as mãos e ouvir com os olhos? A corporificação dos sinais e os significados dos corpos para os surdos de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/78198/000896335.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 de jun. 2017.
- GESSER, Audrei. **Libras que Língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.
- GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Cap. 1 - A descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. Rio de Janeiro: Editora SA, 2008.
- GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis. Editora Vozes. 10º ed. 2002.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.
- INGOLD, Timothy. **Da transmissão de representações à educação da atenção**. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan. /abr. 2010.
- INGOLD, Timothy. **Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano**. Ponto Urbe, Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP (2008). Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1925>. Acesso em: 12 de jun., 2016.
- LACERDA, Cristina B. F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 29 de maio. 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico Ocidental**. Abril: São Paulo, 1973.

MARIA I. B. de SOUZA MENDES ET AL. **Reflexões sobre corpo, saúde e doença em Merleau-Ponty: implicações para práticas inclusivas**. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/42958>>. Acesso em: 07 de junho. 2017.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, Cosac Naif, 2003. Cap.: Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”, p. 369-398; As técnicas do corpo, 401-424.

SAADA, F. **“Ser Afetado”**. Tradução Paula Siqueira, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>>. Acesso em: 10 de abril. 2017.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo: 2010. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales.

ANEXOS

Anexo A – Roteiros de entrevistas


Roteiro de entrevista 1 (alunos)

- 1) Nome, idade.
- 2) Quando e como perdeu a audição?
- 3) Como é a relação com a surdez?
- 4) Como é se comunicar em Libras? O aprendizado foi/é fácil?
- 5) Em relação a técnica, e as expressões. É difícil? É cansativo?
- 6) Como é a convivência com a família? Os familiares também sabem a Libras?
- 7) Como é a convivência na sala de aula com os colegas e professores? E os intérpretes?

Roteiro de entrevista 2 (intérpretes)

- 1) Nome e idade.
- 2) Quando e como conheceu a Libras?
- 3) Porque trabalhar com a Libras, como intérprete, tradutor ou professor bilíngue?
- 3) Quanto tempo está na profissão de intérprete nas salas de aula?
- 4) Como é se comunicar em Libras? O aprendizado foi/é fácil?
- 5) Em relação à técnica, e as expressões. É difícil? É cansativo?
- 6) Como é a convivência com os surdos?
- 7) Como é a convivência diária em sala de aula utilizando a linguagem não oral?
- 8) Como é a relação dos alunos ouvintes com os alunos surdos?
- 9) Como é a convivência com os demais professores? E como vê a tradução dos conteúdos para a Libras?

Anexo B – Ficha de inscrição do Projeto Incluir Libras



PROJETO INCLUIR LIBRAS

FICHA DE INSCRIÇÃO

➤ Aluno (a): _____

➤ Data de Nascimento: ____/____/____

➤ Mãe: _____

➤ Pai: _____

➤ Endereço: _____

➤ Bairro: _____

➤ Cidade: _____

➤ Telefone residencial: _____

➤ celular: _____

➤ Sexo? M() F()

➤ Profissão: _____

➤ Email: _____

➤ **Qual o seu objetivo em fazer o projeto ?**

Vila Velha-ES, ____/____/____

Professor/Coordenador